

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

CLÉBIA ROCHA LIMA LIRA

**VARIABILIDADE FUNCIONAL DA FORMA FONOLÓGICAMENTE REDUZIDA
DO VERBO *ESTAR*: Sequência Didática como instrumento de
reflexão linguística**

**ILHÉUS – BAHIA
2023**

CLÉBIA ROCHA LIMA LIRA

**VARIABILIDADE FUNCIONAL DA FORMA FONOLÓGICAMENTE REDUZIDA
DO VERBO *ESTAR*: Sequência Didática como instrumento de
reflexão linguística**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack

L768

Lira, Clébia Rocha Lima.

Variabilidade funcional da forma fonologicamente reduzida do verbo estar: sequência didática como instrumento de reflexão linguística / Clébia Rocha Lima Lira. – Ilhéus, BA: UESC, 2023.

98 f. : il.

Orientadora: Gessilene Silveira Kanthack.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Referências: f. 94-98.

1. Língua portuguesa – Verbos. 2. Língua portuguesa – Gramaticalização. 3. Funcionalismo (Linguística). 4. Twitter (Rede social on-line). 5. Sociolinguística). I. Título.

CDD 469.5

CLÉBIA ROCHA LIMA LIRA

**VARIABILIDADE FUNCIONAL DA FORMA FONOLÓGICAMENTE REDUZIDA
DO VERBO *ESTAR*: Sequência Didática como instrumento de
reflexão linguística**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Ilhéus, 28 de Março de 2023.

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack
UESC/DLA
(Orientadora)

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
UESB/Vitória da Conquista - BA

Prof. Dr. Wagner Carvalho de Argolo Nobre
UESC/DLA

Às minhas pessoas preferidas:
Nilza, Osmar, Hélio e Cecília, por serem alicerce.

AGRADECIMENTOS

Estou aqui, respirando, depois de ter atravessado *uma Pandemia Mundial*, e isto é um privilégio. Por isso, eu renderei graças ao Senhor meu Deus, porque Ele é bom, fiel e generoso. Ele **esteve** comigo e criou condições para que tudo ocorresse da melhor forma e para que, neste dia, eu pudesse escrever estas linhas de agradecimento.

À minha mãe Nilza, a mulher que, mesmo tendo estudado tão pouco, me ensinou a ler e a escrever aos cinco anos de idade, em nossa casa no meio rural, porque a escola ficava muito distante para uma menininha tão pequena ter que se deslocar a pé. A essa mulher forte e amável que um dia disse que eu seria uma professora. Ela lançou sobre mim uma palavra de benção e eu sou extremamente grata por isso.

Ao meu paizinho Osmar, que, para ser alfabetizado, precisou pagar uma professora no turno noturno, pois tinha que trabalhar para ajudar no sustento da sua família. A esse homem que sempre me motivou, me encorajou e me fez compreender, desde muito cedo, o quanto o conhecimento é libertador e o quanto a educação pode transformar.

Ao meu esposo Hélio, agradeço pelo companheirismo, compreensão e por cada palavra de encorajamento. Sou grata por dividir a minha vida contigo e sei o quanto você também **está** feliz com essa conquista.

À minha Cecília, a garota de dez anos mais amiga, compreensível e feliz que eu conheço. Ela suportou com paciência a minha rotina de trabalho e estudos nesses últimos anos. Agora a mamãe **tá de boa** para as nossas partidas noturnas de dominó e uno.

Aos meus irmãos, Nilzemar, Gleson e Claudielly, por serem parte de mim, por me fortalecerem e acreditarem junto comigo.

À minha orientadora, professora Dra. Gessilene Silveira Kanthack, pelo apoio, paciência, zelo, tranquilidade e pela criteriosa orientação. Foram muitas aprendizagens acumuladas a partir dessa nossa experiência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Ao Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Às professoras e aos professores do mestrado, por todas as contribuições ofertadas.

À professora Profa. Dra Valéria Viana Sousa e ao professor Dr. Wagner Carvalho de Argolo Nobre, pelas observações e contribuições desde o Exame de Qualificação até a defesa.

Às colegas e amigas do mestrado que fizeram com que esse ciclo da minha vida fosse ainda mais especial. Eu não poderia deixar de mencioná-las aqui, meninas: Alana, Dulcelir, Fernanda Márcia, Geórgia, Milena, Noélia, Rubienes e Sandra, por todas as aprendizagens juntas, por tanto respeito, incentivo e amizade construídos remotamente, mas efetivados para sempre em minha memória.

À Alana, uma amizade que nasceu durante o mestrado e que tem sido fortalecida diariamente. Muito obrigada por sua alegria, companheirismo e por cada palavra de encorajamento. Ah! Obrigada por cada ligação (de nunca menos que uma hora, tá?) e pelas boas risadas que compartilhamos juntas.

À prima e amiga, Andreia Cristina Freitas, por ser uma grande incentivadora, por me apoiar sempre e me impulsionar na busca por conhecimento. Você será sempre uma referência para mim.

À amiga, colega de trabalho e comadre, Elma Cardoso, sou grata por ter você comigo, por sua amizade, conselhos, palavras de estímulo e de bençãos sobre a minha vida.

À minha sogra Elza, pelas orações, e por repetidas vezes me dizer que todas as coisas contribuirão para o meu bem.

Em especial, aos meus discentes, por me impulsionarem a não cessar o meu processo de formação e transformação como docente.

A cada uma das amigas, dos amigos e dos familiares que me incentivaram e compreenderam, por muitas vezes, a minha ausência nos encontros de rotina.

Minha gratidão a todas essas pessoas especiais!

“O centro da questão é a indeterminação da linguagem, que condiciona uma multiplicidade de relações e uma multiplicidade de tensões, tudo a determinar mais fluidez do que rigidez no uso linguístico, ou seja, mais acomodações contínuas do que instalações imutáveis.”

Da “Apresentação” de Neves (2015, p. 15).

**VARIABILIDADE FUNCIONAL DA FORMA FONOLÓGICAMENTE REDUZIDA
DO VERBO *ESTAR*: Sequência Didática como instrumento de
reflexão linguística**

RESUMO

Neste trabalho, de natureza teórico-prática, realizado no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UESC/BA), investigamos os valores funcionais exercidos pela forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* no português brasileiro contemporâneo, tendo como *corpus* textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*. A partir de pressupostos sociofuncionalistas (GÖRSKI; TAVARES, 2013), analisamos os usos do item *tá* no intuito de verificar se indicam variabilidade funcional e se apontam para uma situação de mudança por gramaticalização. Os resultados da investigação revelaram que: (i) o item *tá* é usado, assim como *estar*, com as funções de verbo pleno/principal, verbo de ligação e verbo auxiliar/suporte; (ii) o *tá* expande seus usos, passando a atuar com funções discursivas (expressão cristalizada e marcador discursivo); (iii) a frequência de uso confirma a variabilidade funcional do item em estudo e indica que as funções mais gramaticalizadas são mais recorrentes. A partir dos pressupostos teóricos adotados e com os resultados da pesquisa, sugerimos, como proposta de intervenção, uma Sequência Didática nos moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), estruturada a partir de atividades de caráter linguístico, epilinguístico e metalinguístico, conforme Franchi (1987), visando promover, com alunos de 8º ano do Ensino Fundamental, reflexões em torno da heterogeneidade linguística, considerando, para tanto, o verbo *estar* e sua forma fonologicamente reduzida em situações reais de comunicação.

Palavras-chave: *Estar/Tá*. Variabilidade funcional. *Twitter*. Sociofuncionalismo. Sequência Didática.

THE FUNCTIONAL VARIABILITY OF THE PHONOLOGICAL REDUCED FORM OF THE VERB *ESTAR*: Didactic Sequence as a Tool for Linguistic Reflection

ABSTRACT

In the present work, of a theoretical-practical nature, carried out within the scope of the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS/UESC/BA), we investigate the functional values exerted by the phonologically reduced form of the verb *estar* in contemporary Brazilian Portuguese, having as corpus texts/comments found in the social network website *Twitter*. Through a functional approach (GÖRSKI; TAVARES, 2013), we analyzed the usages of the item *tá* in order to verify whether they indicate functional variability and whether they point to a situation of change through grammaticalization. The results of the investigation revealed that: (i) the item *tá*, as well as the item *estar*, have the functionalities of full/main verb, linking verb and auxiliary/supporting verb; (ii) *tá* expands its uses by acting with discursive functions (crystallized expression and discursive marker); (iii) the usage frequency confirms the studied item's functional variability and indicates that the most grammaticalized functions are more recurrent. Based on the adopted theoretical assumptions and the results acquired through the research, we suggest, as an intervention proposal, a Didactic Sequence modeled after Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), structured from linguistic, epilinguistic and metalinguistic activities, as proposed by Franchi (1987), aiming to promote, with students in the 8th grade of Elementary School, reflections upon the language's heterogeneity, considering, for this purpose, the verb *estar* and its phonologically reduced form in authentic communication situations.

Keywords: *Estar/Tá*. Functional Variability. *Twitter*. Functionalism. Didactic sequence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do item <i>estar</i> a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007).....	36
Figura 2 – Página inicial da rede social <i>Twitter</i>	46
Figura 3 – Estrutura da mensagem/ <i>tweet</i>	47
Figura 4 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do item <i>tá</i>	56
Figura 5 – Adaptação do esquema da Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).....	65
Figura 6 – Esquema de representação da locução verbal.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das formas plenas e reduzidas do item <i>estar</i> de acordo com a função no banco de dados do PortVix.....	40
Tabela 2 – Funções desempenhadas pela forma fonologicamente reduzida do item <i>estar</i> no <i>Twitter</i>	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	TRILHANDO O PERCURSO TEÓRICO	17
2.1	Introdução	17
2.2	Percorrendo caminhos: do Estruturalismo à Sociolinguística Variacionista	17
2.3	Nas rotas do Funcionalismo Linguístico	23
2.3.1	A gramaticalização: cruzando itinerários	25
2.4	O Sociofuncionalismo: chegando ao lugar de destino	29
2.5	Encerrando a seção	31
3	TÁ MUDANDO? Enveredando pela redução fonética do item <i>estar</i> no português brasileiro	32
3.1	Introdução	32
3.2	A pesquisa de Pinheiro (2019)	32
3.2.1	Os resultados de Pinheiro (2019)	35
3.2.2	As explicações sociofuncionalistas dadas por Pinheiro (2019)	41
3.3	Encerrando a seção	42
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: o passo a passo da investigação	44
4.1	Introdução	44
4.2	A internet e as redes sociais como espaços de expressão e sociabilização na pós-modernidade	44
4.3	O Twitter	45
4.4	A coleta dos dados	49
4.5	Encerrando a seção	49
5	TÁ NO TWITTER: descrição e análise dos dados	50
5.1	Introdução	50
5.2	Sobre as funções	50
5.3	Sobre a frequência de uso e as explicações sociofuncionalistas	55
5.4	Encerrando a seção	57
6	SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	59
6.1	Introdução	59
6.2	Colocando em cena a nossa problemática	59

6.3	A proposta de intervenção: justificando a escolha do trabalho com Sequência Didática.....	61
6.4	A proposta	63
6.4.1	Objetivos	63
6.4.2	Conteúdos propostos:	64
6.4.3	Público alvo	64
6.4.4	Apresentando a proposta	64
6.4.5	Apresentação da situação	65
6.4.6	Produção inicial	72
6.4.7	Os módulos	73
6.4.7.1	Módulo 1	73
6.4.7.2	Módulo 2.....	76
6.4.7.3	Módulo 3.....	79
6.4.7.4	Módulo 4.....	82
6.4.7.5	Módulo 5.....	87
6.4.8	Produção final	89
6.4.9	Instrumentos pedagógicos a serem utilizados em toda a SD.....	90
6.4.10	Avaliação.....	90
6.5	Encerrando a seção	90
7	CONCLUSÕES	92
	REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que, na contemporaneidade, muitas descrições linguísticas têm sido guiadas por abordagens que centram a atenção no uso efetivo da língua, a exemplo do Sociofuncionalismo (GÖRSKI; TAVARES, 2013), realizamos a nossa pesquisa seguindo, também, essa mesma direção. Para tanto, elegemos como objeto de estudo a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, no intuito de verificar se os usos indicam variabilidade funcional e se apontam para uma situação de mudança por gramaticalização, um processo de regularização gradual da língua.

O verbo *estar* sofre variações, tanto em termos de forma quanto em termos de função. Considerando esta última propriedade, interessa-nos saber (i) se a forma reduzida de tal verbo também desempenha os mesmos valores funcionais exercidos pela forma fonologicamente plena, e (ii) se, além disso, assume outras funções. Diante disso, formulamos os seguintes questionamentos: a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* é usada com valores funcionais variados? Esse comportamento indica variabilidade funcional e mudança por gramaticalização?

Com base no pressuposto de que a estrutura linguística deve ser observada em seu contexto real de uso, como defende a abordagem sociofuncionalista, procuramos investigar o uso de nosso objeto em textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*, esperando, assim, confirmar as seguintes hipóteses: (i) a forma fonologicamente reduzida deverá ser usada com as funções de *verbo pleno/principal*, *verbo de ligação* e *verbo suporte/auxiliar*, exatamente como ocorre com a sua forma plena; (ii) também, deverá ser usada com valores pragmáticos discursivos, podendo fazer parte de *expressões cristalizadas* e atuar como *marcador discursivo*; (iii) os usos deverão indicar variabilidade funcional e, também, mudança por gramaticalização.

De natureza teórico-prática, o trabalho foi construído assim: primeiro, buscamos os embasamentos teóricos que nos orientassem na investigação a ser empreendida; segundo, recorreremos a um estudo já realizado em torno da forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, permitindo, assim, a elaboração de uma revisão teórica sobre o objeto em análise; terceiro, realizamos a pesquisa prática, selecionando e analisando ocorrências da forma *tá* em textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*; quarto, elaboramos uma Sequência Didática, nos

moldes de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como proposta de intervenção para tratar o objeto investigado e temas como variação e mudança linguísticas.

Quanto a essa proposta, ela se justifica, pois visa contribuir para uma visão mais ampla do funcionamento da língua, tendo em vista que, de modo geral, o ensino de língua portuguesa ainda é guiado por estratégias pedagógicas centradas em metalinguagens e em determinadas regras gramaticais que correspondem apenas à norma-padrão, um modelo de língua que, historicamente, se tornou um objeto privilegiado e/ou uma variedade superior no imaginário dos falantes. É um modelo que, segundo Faraco (2008, p. 73), corresponde “a uma codificação relativamente abstrata” que serve de referência “a projetos políticos de uniformização linguística”.

No dizer de Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 13-14), não podemos nos concentrar em um ensino que visa transmitir um conjunto de regras derivadas “[...] dos estudos gramaticais de tradição greco-latina que, há alguns séculos, geração após geração, vêm sendo transmitidos nas escolas de modo degenerado, fragmentário, dogmático, prescritivo e irrefletido”. Diante disso, compreendemos que há necessidade de romper com esse tipo de ensino, tendo em vista que a língua é um sistema que possibilita aos falantes a criação e recriação de formas e funções linguísticas. Para lidar com aspectos dessa natureza, reconhecemos a importância de, enquanto professores, nos apropriarmos de embasamentos teóricos adequados, de modo que possamos lidar com o ensino de língua a partir de uma perspectiva reflexiva, em que a variação e a mudança linguísticas passem a ser reconhecidas como propriedades inerentes à língua.

Em decorrência da adoção de metodologias que focam no estudo de metalinguagens e em regras padronizadoras, temas como variação e mudança linguísticas, a rigor, não são contemplados de forma satisfatória no contexto escolar. Normalmente, esses temas são apresentados no livro didático em um capítulo específico ou, por vezes, em boxes (pequenas caixinhas), dando a impressão de que eles não são tão relevantes para a formação do aluno. Assim, na tentativa de contribuir para alterar essa compreensão, sugerimos a nossa proposta, com ações que possam favorecer, tanto a docentes quanto a estudantes, a análise e a reflexão acerca da língua enquanto sistema heterogêneo e dinâmico, e, em específico, sobre o uso do verbo *estar* e da sua forma fonologicamente reduzida.

O resultado de toda a pesquisa desenvolvida está sistematizado assim: além

desta Introdução, na seção 2, intitulada “Trilhando o percurso teórico”, apresentamos os princípios basilares da Teoria da Variação e da Mudança ou Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995; NEVES, 1997; FURTADO DA CUNHA, 2012; FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016; entre outros), da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007) e do Sociofuncionalismo (GÖRSKI; TAVARES, 2013).

Na seção 3, “*Tá mudando?* Enveredando pela redução fonética do item *estar* no português brasileiro”, demonstramos como o verbo *estar* é usado em uma amostra contemporânea, tendo como referência a pesquisa de Pinheiro (2019), na qual foram investigados os usos do item *estar* na fala de Vitória/ES, um trabalho que serviu para nos orientar em nossas hipóteses e análises.

Na seção 4, “Procedimentos metodológicos: o passo a passo da investigação”, apresentamos as etapas percorridas para a realização da pesquisa. Primeiro, abordamos aspectos relacionados à internet e às redes sociais; depois, caracterizamos o *corpus* e esclarecemos os critérios e os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados.

Na seção 5, “*Tá no Twitter*: descrição e análise dos dados”, descrevemos os resultados da pesquisa, com a sistematização dos valores funcionais e da frequência de uso do *tá*. Seguindo os pressupostos adotados, realizamos uma análise sociofuncionalista do objeto pesquisado.

Na seção 6, “Sequência Didática como instrumento de reflexão linguística nas aulas de língua portuguesa”, desejando aliar os conhecimentos adquiridos à luz da teoria sociofuncionalista com as práticas de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, apresentamos nossa sugestão de proposta de intervenção, uma Sequência Didática voltada para estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Instituto de Educação de Guaratinga/BA, escola onde a pesquisadora deste trabalho atua há doze anos.

Para encerrar, tecemos as conclusões e listamos as referências que subsidiaram o nosso trabalho.

2 TRILHANDO O PERCURSO TEÓRICO

2.1 Introdução

Nesta seção, trilhamos um percurso teórico destacando algumas abordagens que fundamentaram o nosso trabalho. Nesse intuito, na segunda subseção, sublinhamos alguns dos postulados de Saussure (SAUSSURE, 2006 [1916]), de modo a esclarecer o que motivou a criação da Teoria da Variação e da Mudança ou Sociolinguística Variacionista, uma vertente teórica que se ocupa em compreender e explicar a heterogeneidade linguística a partir da relação intrínseca entre língua e sociedade (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Na terceira subseção, apresentamos os princípios basilares do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995; NEVES, 1997; FURTADO DA CUNHA, 2012; FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016; entre outros), uma perspectiva que se interessa pelo aspecto funcional da língua, atentando-se para a compreensão da relação entre as estruturas gramaticais e as múltiplas funções comunicativas desempenhadas por ela. Também, nesta subseção, abordamos a gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007), um fenômeno de mudança linguística muito comum nas línguas em geral.

Na quarta subseção, caracterizamos o Sociofuncionalismo (GÖRSKI; TAVARES, 2013), uma abordagem teórica que surge a partir do “casamento” entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, procurando explicar as motivações diversas que podem estar relacionadas com o uso real da língua. Enfatizamos que os estudiosos sociofuncionalistas defendem que essas perspectivas teóricas (Sociolinguística e Funcionalismo) se complementam e possibilitam uma análise mais acurada das complexidades que envolvem os objetos linguísticos.

2.2 Percorrendo caminhos: do Estruturalismo à Sociolinguística Variacionista

O suíço Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna e pai do Estruturalismo, é reconhecido como o responsável pela elevação da Linguística ao status de ciência autônoma. Em sua obra póstuma, intitulada *O*

*Curso de Linguística Geral*¹ (SAUSSURE, 2006 [1916]), o linguista defende que a linguagem possui dois lados, um social, a língua, e um individual, a fala, respectivamente, *langue* e *parole*.

De acordo com Saussure (2006 [1916], p. 17), “[...] a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade do indivíduo”; a fala, por sua vez, “[...] é definida como um ato individual de vontade e inteligência através da qual o falante realiza escolhas e combinações pessoais com vistas à expressão do pensamento”. A língua, por se constituir um sistema estrutural autônomo, homogêneo, cuja análise independe de fatores externos, foi escolhida pelo autor como objeto de seus estudos.

Essa escolha caracteriza o chamado estudo imanente da língua, significando dizer que “toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita a partir de suas relações internas” (COSTA, 2010, p. 115). Ou seja, “[...] as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer relação que seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico” (COSTA, 2010, p. 115) ficam de fora dos estudos denominados de estruturalistas.

Também, seguindo a direção dos estudos da linguagem no século XX, encontra-se o Gerativismo, corrente criada no final da década de 1950, pelo norte-americano Noam Chomsky, que defende a necessidade de um olhar biológico sobre a linguagem. Segundo o autor, a linguagem é uma faculdade inata e específica do ser humano, pois somente ele é dotado geneticamente de tal faculdade. A capacidade que o indivíduo tem de falar e entender uma língua é resultante “[...] de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano [...] a qual deve estar fincada na biologia do cérebro/mente da espécie e é destinada a constituir a competência linguística de um falante” (KENEDY, 2008, p. 129).

Compreender a língua, na perspectiva gerativa, significa priorizar a competência linguística; logo, o que interessa aos estudiosos que seguem essa linha é explicar o “[...] funcionamento da mente que permite a geração das estruturas

¹ *Cours de linguistique générale*. Obra póstuma do linguista Ferdinand de Saussure publicada em 1916 por dois linguistas e seguidores/discípulos: Albert Sechehaye e Charles Bally.

linguísticas”, não importando “[...] qualquer fator extralinguístico, como o contexto comunicativo ou as variáveis sociais que influenciam o uso da linguagem” (KENEDY, 2008, p. 134). Afinal, se a língua é biológica, o que importa é saber como ela funciona no cérebro/mente do falante.

As concepções e as delimitações assumidas tanto pelo Estruturalismo quanto pelo Gerativismo impulsionaram outros autores a adotarem uma visão mais ampla do funcionamento da língua, e, para tanto, passaram a assumir a importância de se considerar as relações entre as estruturas linguísticas e os aspectos sociais e culturais. Um desses autores foi o francês Antoine Meillet, que destacava o caráter evolutivo e social da língua. Para ele, as estruturas linguísticas deveriam ser explicadas a partir de fatores históricos e sociais. A variação linguística, por exemplo, seria “motivada estritamente por fatores sociais” (COELHO et al., 2010, p. 15). Ao contrário de Saussure, Meillet concebeu a língua como um fato social dando ênfase ao seu caráter evolutivo.

Outro autor que também divergiu de Saussure foi Mikhail Bakhtin, que afirmou acerca da impossibilidade, nos estudos linguísticos, de se ignorar a relação entre língua e sociedade. Bakhtin, em sua teoria da enunciação, considerou que a língua, por ser dialógica, estava diretamente ligada às necessidades comunicativas. Para este autor, conforme Coelho et al. (2010), o contexto de uso da língua, historicamente, motiva a mudança linguística, fazendo com que os itens linguísticos não sejam neutros ou fixos.

Seguindo a mesma orientação, Roman Jakobson também advogou em defesa da relação entre língua e sociedade, considerando que a primeira seria um elemento do processo comunicativo realizado por meio da interação verbal. Ele admitiu a heterogeneidade da língua, afinal cada falante utiliza-se da língua de acordo com a comunidade e/ou realidade social na qual se encontra inserido. Émile Benveniste, assim como os outros autores, também apontou a necessidade de se considerar a relação entre língua e sociedade (ALKMIM, 2008).

Partilhando desse mesmo pensamento, na década de 1960, nos Estados Unidos, Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog propõem uma teoria para dar conta da variação e da mudança, batizada como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e da Mudança. Desses autores, William Labov é considerado

como principal expoente. Em seus estudos², o autor passou a conceber a língua como uma instituição social, e, por esse motivo, não poderia ser estudada fora de um contexto, de uma comunidade linguística. Segundo ele,

a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala - a língua tal como usada na vida por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com os seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (LABOV, 2008 [1972], p. 13).

Na Teoria Sociolinguística, a comunidade linguística, conforme Alkmim (2008, p. 31), corresponde a “[...] um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. Quando se observa ou analisa qualquer comunidade linguística, a constatação imediata é que a língua é um sistema heterogêneo, variável, sensível a mudanças constantes.

A propósito, variação e mudança são características inerentes ao sistema linguístico que, segundo a Sociolinguística, são motivadas não apenas por “[...] pressões da própria organização interna da língua, mas também por questões sociais e estilísticas” (MAY, 2009, p. 72). Assim, o principal objetivo da Sociolinguística é descrever e explicar como a variação e a mudança se efetivam na língua por meio da correlação entre fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais). Para tanto, a teoria mobiliza categorias e princípios que direcionarão a análise de fenômenos que evidenciam a heterogeneidade linguística.

Entre as categorias, destacam-se as chamadas variantes linguísticas que, na perspectiva laboviana, correspondem a diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Para exemplificar o que sejam variantes, recorreremos ao verbo *estar* e sua forma fonologicamente reduzida, conforme pesquisou Pinheiro (2019, p. 75-76):

(a) (...) Ninguém **está** vendo isso, então, comecei achar isso tudo esquematizado e parei de assisti Big Brother...

² Labov analisou, primeiro, a mudança do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts, considerando fatores sociais (sexo/gênero, faixa etária e ocupação profissional); segundo, verificou a estratificação do /r/ nas palavras *fourth floor* em três lojas de departamento frequentadas por pessoas de diferentes status sociais (LABOV, 2008 [1972]).

- (b) Aquilo foi que eu aborreci. Eu falei assim: “a senhora dá sorte que a senhora é uma mulher... a senhora, porque se fosse um homem nós ia embolar aqui. Porque a senhora **tá** errada e querendo que... ah, vou chamar a perícia aí pra/prá você ver!”

Como se pode notar, em (a) e (b), o verbo *estar* é representado de duas formas, plena e reduzida, respectivamente. São duas variantes em uso na língua, ambas exercendo o mesmo valor de verdade, conforme preconizado pelos estudos labovianos.

Para investigar o que favorece as variantes, a Sociolinguística defende que elas são motivadas por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos), ambos operando “[...] num complexo de relações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes” (MOLLICA, 2015, p. 27). Nessa perspectiva, a variante linguística também é conhecida como variável dependente, pois não ocorre aleatoriamente, já que ela é influenciada por grupos de fatores, denominados variáveis independentes. Essas variáveis atuam como condicionadores para a utilização das variantes que podem permanecer estáveis ou não no sistema da língua. A respeito disso, Mollica (2015) explica:

Tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. Isso pressupõe que na língua variantes podem estar em competição, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra (MOLLICA, 2015, p. 15).

No dizer de Tarallo (1999), as variantes competem entre si, podendo resistir ou não à competição. No caso, a influência das variáveis independentes será determinante para o aumento ou a diminuição da frequência de uso de uma determinada variante linguística.

No Brasil, as pesquisas que levam em conta a Teoria da Variação e da Mudança têm contribuído para elucidar questões ligadas a aspectos linguísticos e extralinguísticos que envolvem o uso da língua, bem como possibilitando reflexões sobre sistematicidade, variabilidade e valores sociais. Mais diretamente, têm

permitido promover discussões que envolvem o chamado preconceito linguístico³.

Sobre tal preconceito, ele se manifesta pelo uso de algumas variantes linguísticas, aquelas que sofrem estigmas em detrimento de outras variantes prestigiadas socialmente, em virtude do valor social atribuído a elas. Nota-se que algumas formas empregadas por camadas economicamente dominantes, ainda que não previstas na variedade padrão do português, são aceitas/apreciadas sem qualquer tipo de julgamento, enquanto que outras formas são estigmatizadas exatamente por serem utilizadas por falantes das camadas sociais mais desfavorecidas e de baixa escolarização. Conforme Coelho et al. (2010, p. 32), “[...] o julgamento (ou em termos mais claros, o preconceito) é social, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas”. Nesse sentido, prestigiar ou estigmatizar um falante a partir das suas escolhas linguísticas se constitui como uma forma de discriminação social.

Quanto aos julgamentos, eles se manifestam em função das pressões sociais que operam sobre a língua, “não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). De acordo com o autor, os falantes, ao fazerem as avaliações sociais, apresentam níveis de consciência diferenciados. E, para explicar essas diferenças, o autor propõe três categorias: *estereótipos*, *marcadores* e *indicadores*.

Os *estereótipos* são traços socialmente marcados de forma consciente dentro da sociedade. Eles podem apresentar valores que variam de grupo para grupo, podendo, para alguns, ser positivos, e, para outros, negativos. Os *marcadores* são traços manifestados de forma inconsciente, associados à estratificação social e estilística, podendo ser captados por meio de testes subjetivos. Os *indicadores*, traços também inconscientes, tem pouca força avaliativa na sociedade (LABOV, 2008 [1972]).

Para a Sociolinguística, nenhuma forma variável da língua poderá ser considerada melhor ou mais correta que outra. Daí a relevância dos estudos sociolinguísticos, que fornecem suporte empírico eficiente para combater atitudes baseadas em padrões impostos por uma elite, econômica ou intelectual, que se

³ Conforme Bagno (1999), preconceito linguístico se refere a todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. De acordo com o autor, esse tipo de preconceito, no Brasil, está atrelado às variantes mais informais, normalmente vinculadas às classes sociais menos favorecidas.

respalda nas diferenças linguísticas como instrumentos de estigmatização, discriminação ou exclusão social dos falantes.

As pesquisas sobre variação e mudança têm possibilitado a compreensão de que, na língua, não há “desordem linguística”, que a variação e a mudança, próprias de qualquer sistema linguístico, são sistemáticas e podem ser descritas e analisadas cientificamente. Para tanto, a metodologia quantitativa, criada pelos sociolinguistas, tem sido uma importante ferramenta para captar as frequências de usos das variantes linguísticas e dos fatores que as influenciam.

O uso, como veremos na próxima subseção, é também uma palavra-chave para aqueles estudiosos que adotam o Funcionalismo Linguístico, corrente que compreende a estrutura gramatical como uma variável dependente, pois o pressuposto é que os usos, no decorrer do tempo, vão dar forma ao sistema linguístico (FURTADO DA CUNHA, 2012).

2.3 Nas rotas do Funcionalismo Linguístico

O Funcionalismo Linguístico, corrente vinculada à Escola Linguística de Praga, fundada em 1926, surgiu como um movimento particular dentro do Estruturalismo, com autores que defendiam o caráter multifuncional da linguagem e a necessidade de investigações que ultrapassassem os limites das estruturas gramaticais, devendo, para tanto, buscar na situação comunicativa as motivações para os fatos da língua (FURTADO DA CUNHA, 2012).

Caracterizar essa corrente, segundo Neves (1997), não é uma tarefa fácil, pois, ao longo do tempo, vários modelos foram criados. Dentre eles, estão: a gramática sistêmico-funcional de Michael A. K. Halliday (1994) – defendendo que a linguagem é um sistema semiótico e seu desenvolvimento deve ser analisado com base nos papéis sociais que cada falante exerce; a gramática discursivo-funcional, proposta, inicialmente, por Simon C. Dik (1978; 1997) – postulando que o interesse central do Funcionalismo era compreender os processos que resultam no êxito comunicacional dos indivíduos ao interagirem por meio de expressões linguísticas; e a Linguística Funcional Norte-americana – representada por linguistas como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, entre outros, destacando a relação entre a estrutura linguística e o seu uso linguístico, estando tal relação atrelada à memória, à aprendizagem e ao processamento mental (NEVES,

2021).

Especificamente sobre a Linguística Funcional Norte-americana, ela foi impulsionada a partir da década de 1970, quando passou a servir de rótulo para os trabalhos de linguistas que advogavam “[...] em favor de uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17). Trata-se de uma abordagem que, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21), “[...] procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Para isso, sintaxe, semântica e pragmática são níveis considerados interdependentes. Nessa direção, pode-se dizer que

a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregada pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17).

Para caracterizar a visão funcionalista da linguagem, Givón (1995) defende a linguagem como uma atividade sociocultural à medida que possibilita que os sujeitos interajam a partir dos seus interesses individuais e coletivos e argumenta que tal interação envolve também condicionantes contextuais e processos discursivos. Outro pressuposto defendido por Givón (1995) diz respeito à maleabilidade e à dinamicidade de uma gramática. Segundo o autor, gramática corresponde a um sistema aberto, mutável e afetado pelos usos que os falantes fazem e, também, pelas funções que esses atribuem à língua nas diversas situações interativas.

Para compreender a dinâmica que envolve a gramática, a sua natureza funcional e as regularidades que caracterizam os usos linguísticos, a perspectiva funcionalista defende a necessidade da observação direta dos dados da fala e/ou escrita em situações efetivas de uso. Ao colocar o uso como foco da investigação, aspectos linguísticos e extralinguísticos são, naturalmente, acionados nas pesquisas funcionalistas que, por sua vez, revelam que a gramática de uma língua é maleável e está em constante adaptação, tendo em vista que os falantes fazem isso para atender as suas necessidades comunicativas.

De um modo bastante relevante para os estudos linguísticos, Givón (1995)

resume a concepção funcionalista considerando as seguintes premissas: (i) a linguagem é uma atividade sociocultural; (ii) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa; (iii) a estrutura é não arbitrária, motivada e icônica; (iv) mudança e variação estão sempre presentes; (v) o significado é dependente do contexto e não atômico; (vi) as categorias não são discretas; (vii) a estrutura é maleável, não rígida; (viii) as gramáticas são emergentes; (ix) as regras de gramática permitem desvios.

A partir de premissas como essas, estudos funcionalistas têm procurado, ao longo do tempo, descrever e explicar, por exemplo, as relações entre forma e função, as estruturas emergentes de uma língua e, de modo bastante acentuado, processos que caracterizam a mudança linguística. Dentre os casos de mudança, uma que tem recebido atenção de pesquisadores funcionalistas é a chamada gramaticalização, cujas descrições revelam que as estruturas linguísticas são flexíveis e dinâmicas, que formas e funções são adaptadas pelos falantes dadas as necessidades comunicativas. A gramaticalização, como veremos no próximo subitem, corresponde a um fenômeno de mudança linguística muito comum nas línguas em geral, um fenômeno associado à necessidade de se refazer dos itens linguísticos na língua em uso.

2.3.1 A gramaticalização: cruzando itinerários

Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), embora os estudos iniciais sobre gramaticalização sejam datados do século X na China, sendo desenvolvidos ao longo dos séculos XVII e XVIII, é mais precisamente no século XX, com Meillet (1912), que se difundiu um dos principais conceitos: “[...] passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 19). Esses autores explicam que tal passagem se manifesta quando itens lexicais, signos linguísticos plenos, como, por exemplo, substantivo, verbo e adjetivo, sofrem alterações e passam a ser signos linguísticos mais esvaziados/desbotados semanticamente, desempenhando funções gramaticais, como preposições, advérbios etc.

O conceito proposto por Meillet vai se ampliando ao longo dos estudos. Por exemplo, Kurilowicz vai conceber “[...] a gramaticalização como um processo de morfologização, que pode levar à mudança de estatuto de um item não somente de

lexical a gramatical, mas também do menos para o mais gramatical” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 22). Partindo dessa ampliação, Hopper e Traugott (1993) definem a gramaticalização como um processo através do qual itens ou construções lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

É importante reiterar que os teóricos funcionalistas adotam diferentes métodos para abordarem a gramaticalização. De acordo com Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 16) “[...] para alguns a gramaticalização pode ser *processo*, mas também pode ser *paradigma*, da mesma forma que pode ser um fenômeno diacrônico ou sincrônico”. Tal compreensão varia a partir da natureza do trabalho ou do método escolhido para o estudo do fenômeno.

Quando o estudo contempla a maneira como surgem e são usadas as estruturas linguísticas, a gramaticalização é vista como *paradigma*; quando o foco for a identificação e a análise dos itens que se tornam mais gramaticais, ela é considerada *processo*. Em uma perspectiva diacrônica, explicam-se como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo; em uma perspectiva sincrônica, identificam-se os graus de gramaticalidade desenvolvidos por uma forma linguística considerando os “[...] deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo pragmático” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 16). Além dessas duas perspectivas, os estudos sobre gramaticalização podem adotar também uma visão pancrônica, de modo que a explicação a ser dada ao fenômeno deve ocorrer por meio de descrições sincrônicas combinadas com estudos de evolução histórica, ou seja, diacrônicos.

Qualquer que seja o método, qualquer que seja a perspectiva, os estudos sobre gramaticalização evidenciam que as formas linguísticas sofrem alterações de suas propriedades sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas, o que conseqüentemente pode desencadear uma alteração no seu estatuto categorial (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007). Conforme esses autores, de modo geral, há um consenso, nas pesquisas sobre gramaticalização, de que as alterações não ocorrem rapidamente, mas que “[...] se implementam sempre de maneira gradual, numa escala unidirecional e contínua de aumento da gramaticalidade/abstratização” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-

GALVÃO, 2007, p. 29). Assim, há uma concordância entre os estudiosos de que a gramaticalização é concebida como um processo.

Com vistas a explicar esse processo, Hopper e Traugott (1993) apresentam a noção de *cline/continuum* – uma escala que corresponde ao percurso de mudança percorrido por um item linguístico em direção à mudança, que pode ser utilizada tanto para explicar os fenômenos linguísticos numa perspectiva histórica quanto sincrônica. O percurso sugerido pelos autores é o seguinte: “item lexical de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 103). Tal percurso permite visualizar que a mudança se efetiva sempre da esquerda para direita à medida “[...] que existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não o inverso” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 95), evidenciando, assim, o *princípio da unidirecionalidade*.

Conforme Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 41), a unidirecionalidade seria, metaforicamente falando, “[...] o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário”. Os autores acrescentam ainda que, em se tratando de gramaticalização, nem toda mudança poderá, necessariamente, envolvê-la, todavia, toda gramaticalização é marcada por etapas de mudança.

Com o objetivo de captar esse tipo mudança, os estudiosos da gramaticalização recorrem à frequência de uso, um fator de extrema relevância que permite atestar o impacto da gramaticalização na rotinização da língua (VITRAL, 2006). Conforme esse autor, se um item estiver em processo de mudança, a tendência é: “[...] a) que sua frequência de uso aumente; b) que a sua frequência quando em função gramatical aumente; c) que a sua frequência quando em função lexical diminua” (VITRAL, 2006, p. 155). Dessa forma, com a gramaticalização, o item linguístico se gramaticaliza à medida em que é mais frequente e, por sua vez, sendo mais frequente, possui uma maior tendência/vulnerabilidade à gramaticalização.

Para explicar os estágios de mudança de uma determinada forma, Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) esclarecem que os estudiosos de gramaticalização propõem critérios/parâmetros na tentativa de mostrar que as mudanças por gramaticalização revelam um movimento gradual na passagem de um estágio a outro. Entre os estudiosos, destacamos, aqui, Hopper (1991), que propõe

cinco princípios que podem ser utilizados como ferramentas para atestar os estágios em que as formas se encontram. São eles: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*.

De acordo com o princípio da *estratificação*, em um domínio funcional amplo, as novas “camadas” que vão surgindo coexistem e interagem com as “camadas” já preexistentes. Nesse sentido, é possível verificar que um item que se encontra em um processo de mudança não descarta, de forma instantânea, ou substitui, as formas mais antigas, pelo contrário, se relacionam e podem conviver com as funções já existentes.

O princípio da *divergência* evidencia que uma mesma forma pode manter as suas propriedades originais e também estar sujeita a mudanças, ou seja, a possibilidade de uma forma atender a funções divergentes. Para Hopper (1991), embora existam diferenças significativas, a *divergência* pode ser interpretada como um caso particular de *estratificação*.

Com relação ao princípio da *especialização*, ele indica o estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio funcional. Isso implica compreender que, ao passo que ocorre a gramaticalização, diminui-se a variedade de escolhas formais e, conseqüentemente, “um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais” (HOPPER, 1991, p. 22), ou seja, quando uma forma se especializa, sua frequência de uso aumenta em um determinado contexto linguístico.

O princípio da *persistência* indica que alguns traços semânticos da forma-fonte são mantidos na forma gramaticalizada. A manutenção de tais traços poderá motivar restrições sintáticas para o uso de formas gramaticalizadas.

Por último, o princípio da *descategorização*, que caracteriza a perda sofrida pelas formas em processo de gramaticalização. Nesse processo as formas perdem ou neutralizam os [seus] marcadores morfológicos e os [seus] privilégios sintáticos (HOPPER, 1991). Nesta etapa, uma forma poderá assumir características de outra categoria, isto é, poderá inclusive, mudar de classe gramatical.

Para encerrar, vale dizer que o desenvolvimento desses estágios e a efetivação da gramaticalização estão associados diretamente à frequência de uso, um fator decisivo no processo de reconfiguração de uma gramática, entendida, nessa abordagem, como um mecanismo emergente. No capítulo em que desenvolveremos a nossa análise, retomaremos os princípios para explicar o que

ocorre com o item *tá*.

2.4 O Sociofuncionalismo: chegando ao lugar de destino

O Sociofuncionalismo surgiu no Brasil no final dos anos 80 e foi mobilizado pelo Programa de Estudos sobre o uso da Língua (PEUL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de acordo com May (2009), Görski e Tavares (2013). Essa perspectiva se constitui em uma articulação entre a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, defendendo que, para explicar os fenômenos de variação e de mudança linguística, fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos devem ser incluídos no rol de fatores linguísticos e extralinguísticos.

No âmbito do PEUL, já foram desenvolvidos diversos trabalhos sobre fenômenos variáveis, levando-se em consideração não apenas fatores sociais e estruturais, mas também discursivos. De acordo com Castanheira (2018), tais trabalhos não visavam, necessariamente, articular as duas teorias, contudo já apontavam para uma possível aproximação teórica que o autor caracteriza como um tipo de diálogo na diferença.

Em uma primeira análise, Görski e Tavares (2013) pontuam que pode parecer controverso o casamento entre as duas teorias se isso não se constituir como uma tarefa simples, pois são dois campos de estudos que ora convergem, ora são conflituosos. Embora isso ocorra, é possível aproximar as duas abordagens, segundo as autoras. Em defesa disso, elas destacam alguns aspectos: o primeiro deles está relacionado ao nível gramatical dos fenômenos em variação, afinal,

[...] segundo Labov (1978), o principal objetivo da teoria sociolinguística é predizer a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc., de modo a se obter um retrato da estrutura gramatical da língua. Em nota, Labov (1982) reafirma que o termo gramática é usado num sentido geral, para indicar o sistema linguístico como um todo, incluindo a fonologia, o léxico e sua organização semântica (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 82).

Para as autoras, ao abranger o nível linguístico de análise, os fenômenos variáveis de natureza funcional poderão constituir-se em objetos de investigação da/na Sociolinguística.

O segundo aspecto mencionado pelas autoras está relacionado ao “[...] afrouxamento na correlação biunívoca idealizada entre forma e função” (GÖRSKI;

TAVARES, 2013, p. 82) na abordagem funcionalista, pois, desse modo, aponta-se para a ideia de que a iconicidade⁴ na gramática não é absoluta/plena, mas gradiente e recuperável, pois pressões diacrônicas poderão promover tanto o desgaste do código como alterar a mensagem. Nessa direção, abre-se espaço para a variação linguística uma vez que admite a possibilidade de ocorrência de mais de uma forma para uma mesma função.

Outros aspectos que, de acordo com Görski e Tavares (2013), também aproximam as duas abordagens são: a concepção de língua em sua natureza heterogênea, mutável; a variabilidade, um fenômeno regular e que segue padrões que não são livres e aleatórios, podendo ser descrita e analisada sistematicamente; a importância do uso linguístico; a mudança como um processo contínuo e gradual; e o tratamento estatístico para explicar os impactos da frequência dos usos e dos fatores que motivam a variação e a mudança.

Görski e Tavares (2013) defendem, ainda, que os fatores de natureza interacional se constituem como importantes pontos convergentes nas duas abordagens, uma vez que operam, de forma relevante, nos processos de variação e mudança linguística. Concernente a isso, as autoras esclarecem:

No âmbito da sociolinguística, Labov (2008 [1972]) compreende a variação estilística como uma adaptação da linguagem do falante ao contexto imediato do ato de fala. No âmbito do funcionalismo, Traugott (2002) não só defende que a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais, como acredita que os estudos funcionalistas de gramaticalização orientados para o falante podem contribuir para o estudo sociolinguístico da variação intrafalante (GÖRSKI; TAVARES, 2013, p. 91).

Tendo em vista esses pressupostos, as autoras passam a defender que a adoção da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico fortalece a interface Sociofuncionalista, exatamente por considerarem as diferentes camadas ou variantes, afinal, o seu objetivo é controlar os fatores linguísticos, sociais e estilísticos que condicionam as escolhas do falante. Dentre os ganhos da junção de teorias, destacam-se:

1) o primeiro deles diz respeito ao “controle mais refinado do grupo de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático (planos discursivos, *status* informacional dos

⁴ De acordo com Neves (2021), a iconicidade é um princípio que considera que, na linguagem humana, existe uma relação não arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem.

referentes, graus de integração etc.) com tratamento analítico escalar”; 2) o segundo enfatiza a possibilidade de se tratar como variável fenômenos tipicamente funcionais; 3) o último ressalta a consideração mais detalhada que pode ser dada à dimensão social da variação, “refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falantes e ouvinte na situação comunicativa” (TAVARES; GÓRSKI, 2015, p. 264).

Em um estudo de cunho sociofuncionalista, é natural a adoção de uma postura mais funcionalista ou mais variacionista, ou seja, há sempre uma tendência do pesquisador em adotar um aporte e/ou olhar teórico com vistas a atingir os objetivos da pesquisa. Em nossa pesquisa, adotamos uma postura mais funcionalista no intuito de explicar a variabilidade funcional que envolve os usos da forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*.

2.5 Encerrando a seção

Nesta seção, reunimos pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, do Funcionalismo Linguístico e do Sociofuncionalismo, no intuito de destacar embasamentos defendidos por cada uma delas. Particularmente, com os pressupostos do Sociofuncionalismo, assumiremos que a forma fonologicamente reduzida *tá*, assim como ocorre com a forma plena *estar*, desempenha um comportamento funcional variado, e que, dentre as funções assumidas no *corpus* que analisaremos, estarão em evidência funções inovadoras, o que nos permitirá atestar a situação de variabilidade funcional e mudança por gramaticalização do item pesquisado.

3 **TÁ MUDANDO?** Enveredando pela redução fonética do item *estar* no português brasileiro

3.1 Introdução

A partir de um levantamento realizado em ferramenta de pesquisas acadêmicas⁵, verificamos alguns estudos já realizados em torno do item *estar*. Dentre eles, estão a dissertação e a tese de Mendes (1999, 2005), que tratam da perífrase de *estar*+gerúndio no português falado no Brasil; a tese de Coelho (2006), que aborda a expansão gramatical e lexical de alguns itens na língua portuguesa, sendo um deles o *estar*; e a dissertação de Pinheiro (2019), que investiga, em uma perspectiva sociofuncionalista, como o verbo *estar* é usado na fala de Vitória/ES.

Em virtude da especificidade do objeto, do enfoque sociofuncionalista, do recorte e dos resultados apresentados por Pinheiro (2019) em sua investigação, descrevemos, nesta seção, as variáveis analisadas e as constatações feitas por ele.

3.2 A pesquisa de Pinheiro (2019)

Intitulada “*Tá mudando? Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item *Estar* na fala de Vitória/ES*”, a dissertação de Pinheiro (2019) coaduna pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995; FURTADO DA CUNHA, 2012; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015; entre outros). O autor realizou a sua pesquisa considerando um *corpus* formado por 46 (quarenta e seis) entrevistas com falantes de Vitória, capital do Espírito Santo, e que fazem parte do banco de dados do PortVix (*Português Falado na Cidade de Vitória*)⁶. Tais entrevistas apresentaram duração aproximada de 60 minutos cada e os informantes foram estratificados em sexo/gênero (homem e mulher), faixa etária (15 a 50 ou + anos) e grau de escolaridade (fundamental, médio e superior).

⁵ Catálogo de teses e dissertações da Capes. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

⁶ O PortVix surgiu nos anos 2000 sob a organização de Lillian Coutinho Yacovenco e orientação de Maria Conceição Auxiliadora de Paiva e Christina Abreu Gomes do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ). De cunho variacionista, conta com um banco de dados composto de amostras de fala e de escrita capixabas.

Partindo do pressuposto de que a variação e a mudança são fenômenos sistemáticos/organizados, como preconizam os estudos sociolinguísticos, Pinheiro (2019) investigou usos do item *estar* que, na contemporaneidade, apresenta-se sob duas formas variantes: a forma plena (1) e a forma fonologicamente reduzida (2), conforme excertos a seguir:

- (1) a. Oh... eu acho que a... a escola pública é ruim. Igual meu neto, por exemplo, meu neto estuda aqui no Susete. Já roubaram dele a... a coisinha de/de/de lápis, a bolsinha de lápis. Ele não **está** aprendendo nada (...) (PortVix, célula 16: mulher, 26 a 49 anos, nível fundamental).
- b. Tem prestígio. São bem vistos. O corpo de bombeiros rara/raramente você vê um bombeiro morto em ação. Quando ele morre, é em virtude de acidente, aquela coisa toda. Agora... você não vê um bombeiro correndo risco de vida igual... sexta- feira retrasada, nós tivemos um militar que **estava** de folga, mas...e por gostar do que ele faz ou se sentir um profissional, ele resolveu intervi (ininteligível) uma questão lá da do Bradesco. (PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário).
- (2) a. Então pronto! Ele não **tá** muito preocupado com as... as universidades federais não, muito menos é... privatizar agora. Eu acho que isso não... talvez uns vinte ano, trinta ano... tem que ter muito peito pra privatizar. (PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário).
- b. Nossa! Entrei numa depressão, menina...hoje eu **tô** ótima! Mas entrei numa depressão... só Deus! Essa televisão ficava lá no quarto, eu ficava deitada direto (...) (PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio).

A análise de Pinheiro (2019) evidencia que, diferentemente das ocorrências em (1), em (2) o verbo é usado sem a parte do segmento inicial, constituindo, segundo Labov (2001), um caso que está abaixo do nível da consciência social dos

falantes, tendo em vista que é um uso que não é considerado como estigmatizado. Essas amostras revelam um caso de variação linguística, na qual há duas formas variantes para expressar um mesmo valor de verdade, sendo que a forma reduzida é, também, um caso de mudança, que, conforme Pinheiro (2019, p. 20), “[...] já se encontra quase consolidado na fala”.

Orientado pelo pressuposto de que a variação não é aleatória, mas influenciada/condicionada por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, o autor estabeleceu, para a análise, variáveis independentes que contemplam o ponto de vista social (sexo/gênero, grau de escolaridade e faixa etária) e o ponto de vista linguístico (função do item, contexto precedente, tempo verbal e pessoa do discurso). Com relação às variáveis independentes, sejam elas internas ou externas, poderão “[...] exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2015, p. 12). Assumindo isso, Pinheiro (2019) traçou hipóteses para cada um dos fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam estar condicionando o fenômeno variável em análise.

Considerando que a redução fonética do item *estar* é um fenômeno já consolidado na fala e que se encontra em fase de mudança em progresso, o autor postulou que, com relação ao fator *sexo/gênero*, as mulheres seriam favorecedoras das formas reduzidas, tendo em vista que as pesquisas sociolinguísticas, de modo geral, apontam que informantes do sexo feminino tendem a liderar processos de mudança linguística. No que se refere ao *grau de escolaridade*, a hipótese traçada foi a de que, quanto maior for o grau de instrução do informante, mais inibida será a utilização da forma reduzida, uma vez que a escola exerce papel decisivo sobre o uso da variante de prestígio. Para o fator *faixa etária*, o autor presumiu que os informantes com idade mais avançada deveriam manter a forma plena do verbo, considerada conservadora, enquanto os mais jovens, por outro lado, deveriam fazer uso da forma reduzida, apontada como inovadora.

No que tange aos aspectos linguísticos, Pinheiro (2019) postulou: em relação à *função do item*, o esperado é que as funções de verbo principal e de ligação tendem a desfavorecer as formas reduzidas, enquanto as funções de verbo auxiliar, de expressão cristalizada e de marcador discursivo tendem a favorecer e impulsionar o processo de mudança de *estar*; quanto ao *contexto precedente*, a hipótese é que algumas palavras que aparecem anteriormente ao item poderão influenciar ou não o seu apagamento; para o *tempo verbal* e a *pessoa do discurso*, o

pesquisador hipotetizou, respectivamente: conjugações com maior frequência de uso deverão ser favorecedoras do desgaste fônico do item *estar*, e, como o plural é sempre mais marcado, os pronomes singulares, mais favorecedores das formas reduzidas.

3.2.1 Os resultados de Pinheiro (2019)

A variável *sexo/gênero* contribui para demonstrar que “[...] o comportamento linguístico masculino e feminino não é aleatório” (PINHEIRO, 2019, p. 48), reiterando o que Labov (2001) defende: tal fator é um poderoso diferenciador nos estudos que consideram os casos de estratificação social. Com relação ao efeito dessa variável no uso do item *estar*, Pinheiro (2019) constatou que as mulheres lideram o favorecimento da perda de massa fônica do item em análise, com um total de 98,0%; contudo, os homens não se diferenciam tanto das mulheres, pois eles também usam o item em 95,3% das ocorrências em sua forma reduzida.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, Pinheiro (2019) constatou que os falantes que possuem mais contato com a educação formal são os que mais desfavorecem a erosão, com frequência de 94,5%. Os menos escolarizados, por sua vez, favorecem o apagamento, com frequência de 97,6%. No caso, ficou comprovado, por meio dos dados, que as instituições formais de ensino tendem a corrigir o emprego das formas reduzidas, o que implica compreender que, quanto mais contato o indivíduo tiver com o ensino regular, maior será a probabilidade de emprego da forma plena do item.

A faixa etária do informante, por sua vez, indica se o fenômeno analisado corresponde a “[...] uma variação estável ou uma mudança em tempo aparente” (PINHEIRO, 2019, p. 106). Ainda com relação a essa variável, os resultados apontaram para o fato de que a faixa etária mais jovem e a faixa etária mais velha apresentaram praticamente a mesma frequência com relação à redução do item: assim, os dados mostraram que a faixa de 7 a 14 anos fez um uso de 97,9%; o grupo de 15 a 25 anos atingiu o percentual de uso de 96,8%; a faixa etária de 26 a 49 anos apresentou um percentual de 95,4% de uso; e o grupo de 50 anos ou mais atingiu a média de 98,0%. Com isso, ficou constatado que no segundo e terceiro grupos há uma queda subsequente nos percentuais, o que, de acordo com Pinheiro (2019), talvez possa ser explicado pelo fato de essas faixas etárias “[...] estarem,

respectivamente, se inserindo ou consolidadas no mercado de trabalho” (PINHEIRO, 2019, p. 106), o que contribui para a utilização de formas mais conservadoras da língua.

Entre os fatores linguísticos analisados, daremos destaque, aqui, apenas às funções do item, pois são elas que nortearão as nossas hipóteses. Para análise desse fator, Pinheiro (2019) considerou o *continuum* delineado a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007):

Figura 1 – *Continuum* de gramaticalização do item *estar* a partir dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007)

Verbo principal > Verbo de Ligação > Verbo Auxiliar > Expressão cristalizada > Marcador discursivo

Fonte: (PINHEIRO, 2019, p. 54).

Conforme esse *continuum*, a função mais à esquerda, de verbo principal, indica que o item tem mais conteúdo semântico; a função mais à direita, de marcador discursivo, por seu turno, sinaliza que o item tem menos conteúdo, portanto, exerce uma função mais gramaticalizada.

Apresentaremos, a seguir, algumas ocorrências das funções pesquisadas pelo autor:

Função de verbo principal:

- (3) a. (...) porque com quarenta e cinco minutos você **está** no Rio... quarenta e cinco minutos. Eu já fiz vôo do Rio aqui... uma vez uma/um avião deu problema no Rio (...) (PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário).
- b. Primeiro, eu tenho que mostrar todos os...coisas que eu tenho que fazer, pros meus filhos principalmente, né? Porque eu sei que eles vão sofrer bastante... vai ter dias muito importantes pra eles que eu não vou poder **tá** com eles, né?... (PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio).

Conforme a amostra de Pinheiro (2019), em (3a) *estar* apresenta seu uso mais prototípico, indicando a localidade de algo ou alguém; já em (3b) expressa a ideia de companhia que o sujeito oferta a alguém. Nestes casos, o *estar* é núcleo do predicado verbal, possuindo valor semântico preenchido.

Função de verbo de ligação:

(4) a. (...) pra mim, foi meio que complicado. Assim... porque eu não... não... não sou... não **estou** muito acostumada a lidar com essas perdas, né? Todos os vestibulares que eu fiz, eu passei. Todas as... entendeu? E, de repente agora, eu fui fazer a prova do... do... pro inglês e eu não consegui. (PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível médio).

b. Aquilo foi que eu aborreci. Eu falei assim: “a senhora dá sorte que a senhora é uma mulher... a senhora, porque se fosse um homem nós ia embolar aqui. Porque a senhora **tá** errada e querendo que... ah, vou chamar a perícia aí pra/prá você ver!” (PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental).

Em (4a) e (4b) o *estar* estabelece um laço entre o sujeito e seu predicativo (eu/acostumada; senhora/errada) e não possui valor semântico, indicando apenas que dada característica de um referente é passageira.

Função de verbo auxiliar:

(5) a. (...) Ninguém **está** vendo isso, então, comecei achar isso tudo esquematizado e parei de assistir Big Brother. Não achei mais graça, não. (PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental).

b. Mas o *The Sims* também **tá** atrapalhando a memória, porque... ele...ocupa muita memória, aí vai ter que tirar...e vai/meu pai vai comprar *The Sims* de *Playstation* talvez. (PortVix, célula 02: homem, 07 a 14 anos, nível fundamental).

Nesses casos (5a e 5b), a função do item *estar* é de verbo auxiliar, sendo responsável pelas flexões de pessoa, número, tempo e modo das locuções que forma com o verbo principal. Conforme Pinheiro (2019), *estar* também não possui valor semântico.

Função cristalizada:

- (6) a. Não, meu amigo falou comigo “vão... vão... vão fazer um negócio aí” e tal, tal etc. Você entra na política, assina a ficha, aí eu falei “não, mas eu não quero isso, não, rapaz”. “Não, mas vai... inclusive, você vai ficar seis meses sem trabalhar... se for candidato você pode ficar seis meses sem ir no serviço”, eu falei “opa! Então eu **tô nessa**”. (PortVix, célula 44: homem, 50 anos ou mais, nível universitário).
- b. Pô! Vou ficar pagando cadeira de praia aqui? **Cê tá doido!** Mas os caras têm uma estrutura pra atender o turista, você vê isso, com certeza você vê e aqui no Brasil você não vê. (PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário).

Aqui, Pinheiro (2019), destaca que o verbo se agrupa a outros itens, formando, assim, uma única unidade linguística, adquirindo um novo significado lexical. É possível verificar em (6a) que a construção *tô nessa* ganha um novo valor lexical e indica a *aprovação/aceitação* de alguém com relação a algo que lhe fora proposto. Em (6b), por sua vez, a expressão *cê tá doido* expressa a indignação de alguém com relação a uma situação absurda. Tais construções são caracterizadas pelo autor como arranjos de expressões cristalizadas.

Função de marcador discursivo:

- (7) a. Então... é que você tem que ter jogo de cintura (ininteligível) e gostar do que faz... e saber! Você tem que saber quando o aluno perguntar! E quando você não souber uma coisa fala assim “oh...realmente eu já ouvi falar alguma coisa...não sei... mas eu vou verificar, **tá**, meu filho?

Porque agora eu tenho que...mas eu vou verificar direitinho... procurar... e depois eu te dou a resposta, **tá?**” (PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

b. **Aí... tá...** Nossa, meu braço doía tanto que eu fui e mostrei pra ela assim (...) (PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

Em (7a), Pinheiro (2019), destaca que a forma *tá* é usada para organizar o discurso, acionando uma pergunta retórica (MARTELOTTA, 1997), ou seja, a preocupação do falante é checar a recepção e/ou concordância do ouvinte e não, necessariamente, obter uma resposta. Em (7b), nota-se o uso de *tá* precedido do elemento sequenciador *aí*, sem entoação de pergunta, possibilitando a compreensão de que o informante se utiliza da forma para trazer a atenção do ouvinte para a sequência dos fatos.

De acordo com pesquisador, ao atuar como marcador discursivo, o *estar* apresenta menos traços semânticos que as demais funções e exerce, principalmente, o papel de ser um organizador das informações produzidas. Situando esse uso no *continuum* adotado, a função de marcador é considerada a função mais gramaticalizada⁷.

Vale destacar que, para delimitar algumas das funções do item *estar* em sua pesquisa, Pinheiro (2019) ancorou-se nas concepções de gramáticos de cunho normativo (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; CUNHA; CINTRA, 2001 [1984]; BECHARA, 2009 [1999]), destacando que, embora nos materiais normativos sejam encontradas noções que caracterizam o comportamento dos verbos plenos, auxiliares e de ligação, não se verificam informações acerca das expressões cristalizadas e dos marcadores discursivos.

Identificadas e levantadas as funções, a partir do *continuum* delineado, o autor apresentou a frequência de uso de cada uma delas, conforme indica a Tabela 1 a seguir:

⁷ Além dos valores funcionais exemplificados, o item *estar* também recobriu outras três categorias listadas por Pinheiro (2019). Foram elas: múltiplas funções; funções inferíveis e funções não-classificáveis. Por serem em menor número, não tiveram um lugar de destaque na pesquisa.

Tabela 1 – Distribuição das formas plenas e reduzidas do item *estar* de acordo com a função no banco de dados do PortVix

Função	Forma Plena		Forma reduzida		Total	
	N	[%]	N	[%]	N	[%]
Verbo principal	42	4,5%	886	95,5%	928	24,3%
Verbo de ligação	30	3,6%	797	96,4%	827	21,7%
Verbo auxiliar	40	2,4%	1.637	97,6%	1.677	43,9%
Expressão cristalizada	4	1,7%	235	98,3%	239	6,3%
Marcador discursivo	0	–	145	100,0%	145	3,8%
Total	116	3,0%	3.700	97,0%	3.816	100%

Fonte: Pinheiro (2019, p. 90).

Como se pode notar na Tabela apresentada por Pinheiro (2019), com relação às duas formas pesquisadas, a forma reduzida foi a mais usada, 97,0% em oposição a 3,0% da forma plena. Mesmo com a baixa frequência, os dados da pesquisa evidenciam que ela é favorecida quando exerce a função de verbo principal, registrando-se um percentual de 4,5%, e, desfavorecida, quando passa a ser uma expressão cristalizada, atingindo um percentual de 1,7% em sua frequência de uso.

Já no que se refere à forma reduzida de *estar*, os dados apontam que as funções que ocorrem mais à direita do *continuum*, expressão cristalizada e marcador discursivo, são as mais recorrentes. Inclusive, a última só se aplica ao verbo na forma reduzida, o que se confirma pelos 100% registrados. Por outro lado, o uso da forma reduzida é menos recorrente quando ela atua como verbo principal (95,5%). No entanto, apesar dessa pequena diferença, o que vale notar mesmo é o uso regular de *estar* na forma reduzida, seja em função plena (com valor semântico), seja em funções não-plenas (sem valores semânticos - ligação, auxiliar, função cristalizada e marcador discursivo).

Com os dados levantados, o pesquisador concluiu que, sob a ótica laboviana, é possível afirmar que o fenômeno do apagamento fônico de *estar* é semicategórico, “[...] uma vez que mais de 95,0% das ocorrências desse item se dão na forma reduzida” (PINHEIRO, 2019, p. 90). Conforme o autor, é possível conjecturar que, no futuro, a ocorrência da forma plena, na fala, será substituída pelas formas reduzidas.

3.2.2 As explicações sociofuncionalistas dadas por Pinheiro (2019)

Da Sociolinguística Variacionista, Pinheiro (2019) recorreu ao aparato teórico-metodológico que possibilitou constatar o uso variável das formas plenas e reduzidas atuando com o mesmo valor de verdade no português falado na cidade de Vitória/ES.

Do Funcionalismo Linguístico, o autor se baseou na noção de que a gramática é emergente e está em constante evolução, o que explica a razão de o verbo *estar* ser usado com diferentes funções. E, para explicar o que está por traz desses usos, Pinheiro (2019) buscou, nessa mesma vertente, a teoria da gramaticalização, possibilitando compreender que os usos indicam um tipo de mudança linguística.

Conforme o *continuum* adotado, Pinheiro (2019) assumiu que os usos com o verbo *estar* evidenciam o fenômeno da gramaticalização, um processo de regularização linguística que se inicia a partir de um item ou construção que possui conteúdo semântico bem definido, como o *estar* na condição de verbo pleno, e que, depois, passa a desempenhar funções gramaticais. No caso, na função de verbo pleno, *estar* apresenta valor semântico específico, e, à medida que vai se gramaticalizando, conseqüentemente o item se estende para novos contextos de uso, passando a desempenhar as funções gramaticais de verbo de ligação e verbo auxiliar. Nessa direção, *estar* perde o seu valor semântico inicial e passa a servir “[...] como cópula entre porções nominais do texto e um marcador de pessoa, número, tempo e modo da forma nominal que acompanha” (PINHEIRO, 2019, p. 87). Comparando a função de ligação e a função de auxiliar, esta última se encontra em um estágio mais avançado de gramaticalização.

Com relação às expressões cristalizadas, o autor destacou que elas são ainda mais gramaticais, exatamente por serem resultantes de um processo de *chunking*⁸, que se caracteriza pela perda do valor semântico original do item e ganho de significados mais abstratos e dependentes de outros constituintes linguísticos. Por fim, o autor explicou que o marcador discursivo “[...] é o extremo do processo de gramaticalização quando consideramos a carga semântica do verbo e a perda dos privilégios morfossintáticos” (PINHEIRO, 2019, p. 88), pois ele opera como

⁸ De acordo com Bybee (2016 [2010]), *chunking* corresponde a um processo cognitivo que permite que sequências de unidades se juntem e formem unidades mais complexas.

organizador do discurso, tendendo a não receber nenhum tipo de flexão e a aparecer sempre no final da sentença.

Nessa via, percebemos que o trajeto de gramaticalização de *estar* compreende o seu deslocamento de verbo principal a marcador discursivo. Nesse processo, o autor observa a influência da diminuição do valor semântico e a perda de privilégios de ordem morfosintática sobre todo o *continuum* que finalizará na redução fonética do item.

Ao coadunar os pressupostos sociolinguísticos e funcionalistas, o autor estabeleceu uma conexão entre variação e mudança linguística, demonstrando que é possível e viável a análise sociofuncionalista. Para Pinheiro (2019, p. 116), sua pesquisa

demonstra o quanto é frutífero relacionar os mecanismos e princípios da mudança gramatical à refinada análise estatística proposta pela metodologia laboviana. A interface entre gramaticalização e variação potencializou os nossos resultados ao ampliar as nossas estratégias metodológicas para a delimitação do contexto variável.

Assim, com os resultados obtidos, por meio da interface variação e gramaticalização, Pinheiro (2019) contribuiu por mostrar o quão é regular a forma reduzida do verbo *estar*, uma forma que, no contexto escolar, ainda não tem seu lugar de destaque, pois o que se privilegia nesse âmbito é a forma plena desse verbo. No entanto, o autor demonstrou que tal forma exerce funções variadas, o que indica a criatividade do falante em recorrer a uma mesma forma e lhe atribuir diferentes funções.

Por fim, vale dizer que, em sua pesquisa, Pinheiro (2019) não apenas descreveu uma regra variável do português contemporâneo, mas evidenciou um uso que aponta para uma situação de mudança linguística, pois os falantes estão preferindo usar, na língua falada, a forma reduzida do verbo *estar*, o que, naturalmente, terá um impacto sobre a língua escrita.

3.3 Encerrando a seção

Nesta seção, apresentamos uma síntese da dissertação de Pinheiro (2019) que investigou, em uma amostra do português brasileiro, a alternância de uso das formas plena e reduzida do item *estar*. Como vimos, essas formas variantes são

usadas com diferentes funções, ora com valores mais concretos, ora com valores mais abstratos. A regularidade de usos mostrada pelo autor evidencia um comportamento multifuncional tanto da forma plena quanto da forma reduzida.

Em termos práticos, a sua pesquisa nos guiará na análise das funções exercidas pela forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, objeto de nossa investigação, que, diferentemente de Pinheiro (2019), contará com um *corpus* de língua escrita, materializada em tweets/comentários da rede social *Twitter*. Partindo do pressuposto de que a fala impacta a escrita, a nossa expectativa é que a forma reduzida de *estar* seja também regular nessa modalidade de língua e que, assim como na pesquisa mencionada, exercerá funções variadas, tais como: verbo pleno/principal, verbo de ligação, verbo suporte/auxiliar, expressões cristalizadas e marcador discursivo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: o passo a passo da investigação

4.1 Introdução

A fim de demonstrar como realizamos a investigação, apresentamos esta seção, que está organizada em três subseções. Na primeira, abordamos sobre a internet e as redes sociais enquanto espaços comunicativos por meio dos quais podemos perceber a dinamicidade e a fluidez da língua; na segunda, caracterizamos o nosso *corpus* de pesquisa, justificando a motivação para a sua escolha; e, por fim, na terceira, explicitamos os critérios adotados para a coleta dos dados e esclarecemos a respeito dos procedimentos de análise.

4.2 A internet e as redes sociais como espaços de expressão e sociabilização na pós-modernidade

A sociedade pós-moderna está marcada, dentre outros fatores, especialmente pela forma como o conhecimento é produzido e propagado, afinal, o processo de globalização estimulou a expansão das tecnologias da comunicação que, mediada pelo acesso à internet, propiciou novas formas do falante se expressar e de se sociabilizar no mundo.

Por meio da internet, rede mundial de computadores, diferentes atores sociais, em distintos espaços geográficos, movidos por forças ideológicas confluentes e/ou divergentes, se conectam e ampliam o conceito de comunidade que, nesse caso, não está vinculado a limites geográficos e/ou físicos, mas, sim, a uma rede comunicativa através da qual os atores poderão “[...] construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros” (RECUERO, 2009, p. 24). Ou seja, essa rede comunicativa que se instaura em ambientes virtuais possibilita novas formas de interação, expressão e sociabilização, permitindo que outros atores e/ou grupos façam parte da rede social.

Rede social, conforme Marteleto (2001), é concebida como um conjunto de participantes autônomos que unem ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Assim, as redes sociais constituem-se, na atualidade, como ambientes de relações sociais, de identidades culturais, de representação dos

indivíduos e, sobretudo, como *locus* comunicativos através dos quais circula uma diversidade de textos/rastros⁹ de interações e conversações, um ambiente propício para se observar a heterogeneidade e a dinamicidade linguísticas.

Recuero (2009, p. 24), por sua vez, especifica um pouco mais ao afirmar que rede social é constituída “de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, e corresponde a (...) “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social”. Na visão da autora, a estrutura social constitui-se com o grande foco de uma rede, na qual as interações entre atores sociais e conexões são inseparáveis.

As redes sociais, diante do que propomos, configuram espaços em que os usos linguísticos se efetivam, uma vez que, ao examinarmos tal contexto comunicativo, verificamos a movimentação constante da língua. Na dinâmica que a rede possibilita, formas e funções linguísticas são ajustadas, se modificam e/ou são negociadas com vistas ao atendimento das necessidades comunicativas dos seus usuários. Isso é evidenciado pelo nosso objeto de pesquisa, a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, uma forma ajustada/modificada pelos falantes.

A seguir, caracterizamos a rede social em tela.

4.3 O Twitter

Considerada como uma das redes sociais mais populares do mundo, o *Twitter* é um serviço de *microblogging*¹⁰, fundado em 2006, pelos norte-americanos Biz Stone, Jack Dorsey e Evan Williams. De acordo com Recuero (2009), as postagens que circulam nessa rede social são denominadas *tweets*¹¹ e podem oscilar entre textos, links e/ou mesmo imagens e fotos. O *microblogging* não se limita a essas possibilidades e, neste suporte de gênero é possível,

⁹ Os rastros sociais, de acordo com Recuero (2009), referem-se, por exemplo, a um comentário/ interação em um *weblog* que poderá permanecer ali até que alguém o delete e, caso isso não ocorra, esses rastros poderão ser mantidos no cyberspaço, possibilitando que aqueles que se dedicam à pesquisa possam, mesmo distante no tempo e no espaço, se debruçar sobre essa interação/troca.

¹⁰ De acordo com Recuero (2009), nem todos os autores concordam com tal denominação, por considerarem que, embora a estrutura da rede se assemelhe aos *blogs*, as suas ferramentas apresentam apropriações muito distintas.

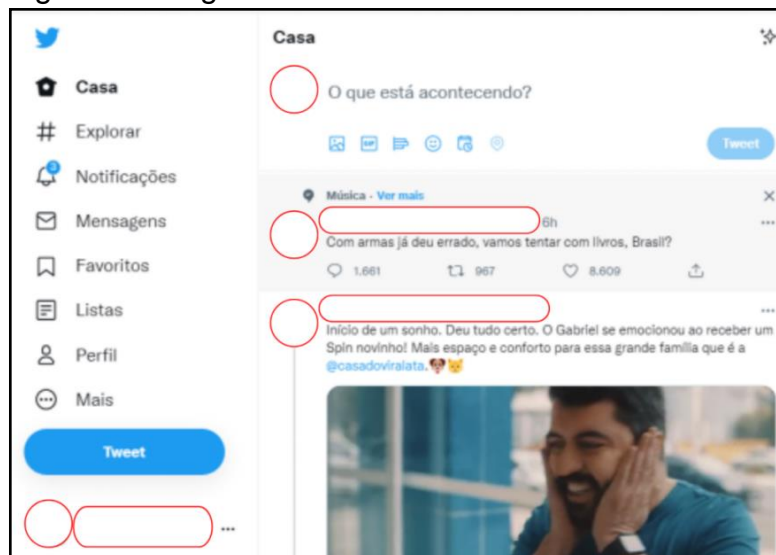
¹¹ Inicialmente, os *tweets* deveriam contar com, no máximo, 140 caracteres, contudo, na atualidade o número máximo de caracteres destinados a essas mensagens foi ampliado para 280.

[...] enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da '@' antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo *twitter* através da construção de um pequeno perfil (RECUERO, 2009, p. 173).

Com relação a outras redes sociais, o *Twitter* se apresenta com características mais simples, embora possua integração com arquivos de terceiros, bem como diversas formas de integração e acesso a conteúdos compartilhados (PETRY; SIMONETTO, 2013). Sua maior semelhança com as outras redes é a possibilidade de unilateralidade, visto que as relações¹² virtuais desenvolvidas na rede se estruturam a partir de pessoas que se tornam seguidoras uma das outras, ainda que, a depender do perfil, se privado ou público, inúmeras pessoas possam ter acesso às postagens realizadas.

A fim de ilustrar, na Figura 2, apresentamos a página inicial da rede social sobre a qual nos debruçamos, com vistas à investigação dos valores funcionais exercidos por *tá*:

Figura 2 – Página inicial da rede social *Twitter*



Fonte: *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/home>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

A partir do questionamento gerador “o que está acontecendo?”, a rede social

¹² Segundo Petry e Simonetto (2013), ao escolher “seguir” uma pessoa, no *Twitter*, o usuário passa a acompanhar as atualizações de tal pessoa que será notificada por *e-mail*, a respeito do novo seguidor, tendo ela o direito de aceitar ou não ser seguido.

apresenta ao usuário a possibilidade de enviar a sua mensagem e, também, acessar a diversidade de notícias, *memes*, anúncios e outros gêneros que permeiam o contexto da rede.

Com relação aos *tweets*, destacamos que eles podem ser postados de forma direta ou indireta na página da *web*, ficando registrados e acompanhados por metadados/metainformações, tais como: data, hora e a fonte da postagem original (*web*, SMS ou outros aplicativos de terceiros). Para melhor compreensão acerca dos aspectos estruturais desse tipo de mensagem, segue a ilustração na Figura 3:

Figura 3 – Estrutura da mensagem/*tweet*



Fonte: *Twitter*. Acesso em: 25 abr. 2022.

Além das informações/metadados contidos em um *tweet*, é possibilitada, também aos usuários do *Twitter*, uma barra de ferramentas no próprio texto, através da qual é possível responder a mensagem, *retweetar*¹³, curtir ou compartilhar.

Por permitir uma dinâmica comunicativa bastante eficiente, tal ferramenta se apresenta como um *locus* de uso real da língua, permitindo aos usuários fazerem escolhas linguísticas e adaptações diversas no intuito de atender aos propósitos comunicativos. Esse uso efetivo nos possibilita analisar a língua tal como ela se manifesta, o que atende a um dos princípios defendidos pela abordagem teórica que adotamos neste trabalho, o Sociofuncionalismo.

É válido destacar que a comunicação escrita na rede social *Twitter* se constitui como uma comunicação, de acordo com Marcuschi (2010), “síncrona”, isto

¹³ Consiste na ação de repasse, pelo usuário, de informações consideradas relevantes para o seu grupo de seguidores.

é, um tipo de comunicação produzida em tempo real nos ambientes da internet. A respeito disso, o autor destaca:

[...] temos aqui um modo de comunicação com características típicas da oralidade e da escrita, constituindo-se, esse gênero comunicativo, como um texto *misto* situado no entrecruzamento de fala e escrita. Assim, algumas propriedades até há pouco atribuídas com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na prática da escrita à distância, com uso do computador[...] (MARCUSCHI, 2010, p. 18).

Assim, considerando que os *tweets* são gêneros escritos que apresentam características próximas da modalidade oral, exatamente pelas especificidades da linguagem, contexto e intencionalidade dos usuários, justificamos a escolha desta rede social como espaço de investigação para a pesquisa em tela, pois o esperado é que ela forneça dados reais a respeito dos usos do objeto pesquisado.

Outra justificativa para a nossa escolha se deve ao fato de que, cada vez mais, a comunicação em rede tem sido favorecida e facilitada pela tecnologia. O *Twitter* é, na atualidade, uma das redes sociais mais populares. De acordo com informações¹⁴ expressas no Portal G1, em 2021, o *microblogging* possuía cerca de 211 milhões de usuários ativos. Dessa forma, o site se constitui uma poderosa ferramenta de comunicação por meio da qual milhões de pessoas compartilham, diariamente, os seus dizeres através de mensagens curtas/*tweets*.

Assim, escolhemos o *Twitter* como fonte de busca para a constituição da nossa amostra, textos/comentários veiculados em tal rede social, com a expectativa de encontrar o *tá*, forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* desempenhando valores funcionais variados. Como uma das características peculiares dos textos/mensagens circulados nesse espaço comunicativo diz respeito à sua curta extensão, acreditamos que reduções como a que nós investigamos seja, de fato, recorrente em tal ambiente. Essa é, também, mais uma justificativa para a nossa escolha.

A seguir, explicitamos sobre os critérios adotados para a coleta dos dados e esclarecemos sobre os procedimentos de análise.

¹⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/27/twitter-frustra-previsoes-de-crescimento-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 6 nov. 2021.

4.4 A coleta dos dados

O processo de coleta de dados para reunir a amostra contemplando os usos com a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* foi realizada a partir da pesquisa na caixa de busca da rede social *Twitter*. É relevante destacar que a rede nos oferece a possibilidade de filtrar a busca. Diante disso, buscamos, de forma aleatória, pela forma *tá*, exclusivamente, nos comentários de perfis públicos do *Twitter*.

Com relação ao tempo de coleta, ela foi feita em um período de oito dias, não consecutivos, durante o mês de janeiro de 2022, compreendendo especificamente o período de 10 de janeiro de 2022 e 21 de janeiro de 2022, entre as 17h e 18 horas. Optamos por realizar as coletas nesses horários por acreditar que já teriam sido veiculado um número acentuado de *tweets*. A busca nos permitiu coletar uma média de 22 (vinte e duas) ocorrências diárias, perfazendo um total de 192 (cento e noventa e duas), ocorrências, um quantitativo suficiente que nos permitiu demonstrar as regularidades dos usos da forma reduzida de *estar*.

No que se refere aos procedimentos de análise, aplicamos o Método Misto (CUNHA LACERDA, 2016), que une as abordagens qualitativa e quantitativa. Por meio da abordagem qualitativa, analisamos as funções desempenhadas pela forma reduzida do item *estar*: verbo principal (pleno), verbo de ligação, verbo auxiliar e, também, funções inovadoras, como expressões cristalizadas e marcador discursivo. Por meio da abordagem quantitativa, realizamos o levantamento de cada uma das funções, a fim de atestar a atuação da frequência de uso.

4.5 Encerrando a seção

Nesta seção, descrevemos a metodologia utilizada para a coleta de dados de nossa pesquisa. Para justificar a escolha do nosso *corpus*, primeiro, destacamos a relevância da internet e das redes sociais, em especial o *Twitter*, como espaços através dos quais a língua se apresenta de forma fluida e dinâmica, tendo formas e funções linguísticas ajustadas e modificadas pelos falantes. Seguindo o pressuposto teórico de que a língua deve ser analisada em situações e espaços reais de usos, esclarecemos como foi feita a constituição de nosso *corpus*, *tweets/comentários* coletados no mês de janeiro de 2022, bem como explicamos os procedimentos de análise, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

5 *TÁ NO TWITTER*: descrição e análise dos dados

5.1 Introdução

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados no intuito de responder aos questionamentos levantados: a forma fonologicamente reduzida do verbo *estar* é usada com valores funcionais variados? Esse comportamento indica variabilidade funcional e mudança por gramaticalização? Para tanto, primeiro, descrevemos as funções desempenhadas pela forma analisada; segundo, revelamos com que frequência as funções foram usadas, visando demonstrar a variabilidade e apontar se elas indicam a mudança em questão.

5.2 Sobre as funções

Coletados os dados, verificamos que a forma reduzida do verbo *estar* exerce as seguintes funções: verbo principal (pleno¹⁵), verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo. Além de termos como referência o trabalho de Pinheiro (2019), ao delimitarmos as funções de *tá*, especialmente quando o item atua como verbo, apoiamos-nos em definições gramaticais de cunho normativo (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; CUNHA; CINTRA, 2001 [1984]; BECHARA, 2009 [1999]) e também descritivo (CASTILHO, 2010). Assim, optamos por categorizar o item linguístico em estudo a partir das seguintes funções:

a) Verbo principal (pleno)

Cunha e Cintra (2001 [1984]) definem como verbo principal o item que possui significação plena e atua com função nuclear na oração. Assim como eles, em uma perspectiva funcional, Castilho (2010) também defende que, para serem considerados plenos, os verbos devem atuar como núcleos na sentença. Tendo em vista essas noções, identificamos como verbo pleno os usos em que o *tá* está a serviço de uma função locativa, contraída a partir da locução adverbial que ocorre em posição posposta ao *tá*, como ilustram os exemplos em (1):

¹⁵ Aqui utilizaremos tanto a nomenclatura *principal* quanto o termo *pleno* para nos referir ao verbo que possui valor semântico preenchido.

(1) a. Depois de mais de 1 semana, minha tia teve alta e **tá em casa**.
(*Twitter*, 17 jan. 2022).

b. oi! o banco next tá pagando até 1500\$ por mês apenas pra você indicar seus amigos e familiares pra abrir uma conta gratuita com eles! se você usar o meu convite já ganha 15\$ assim que terminar o cadastro, demora só 5 minutinhos! Se tiver interesse o link **tá no meu perfil**. (*Twitter*, 11 jan. 2022).

c. Eu: Cleber cade meu urso, só durmo com ele.

Ele: **tá aqui** comigo vamos dividir kkkkkkkkkkkk. (*Twitter*, 13 jan. 2022).

Como se pode notar, nos três casos, o *tá* faz referência a um valor espacial e tem como complemento um adjunto adverbial. Dada a natureza espacial desses adjuntos, o *tá* assume nuances diferentes. Em (1a) e (1c), *tá* denota um valor mais concreto, pois o adjunto se refere a espaços físicos, *em casa* e *aqui*, respectivamente. Em (2b), por sua vez o espaço é mais abstrato, pois o adjunto corresponde a um espaço virtual, *no meu perfil*.

b) Verbo de ligação

Em oposição aos verbos plenos, os de ligação possuem carga semântica esvaziada, sendo responsáveis apenas por vincular o sujeito ao seu predicativo, como defende Rocha Lima (2017 [1958]). Na visão de Bechara (2009 [1999]) e Cunha e Cintra (2001 [1984], p. 133), esse tipo de verbo estabelece a cópula “[...] entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”, não trazendo informações novas com relação ao sujeito, mas apenas unindo-o ao seu predicativo. Castilho (2010), por sua vez, assume que tal verbo é de natureza relacional, mas, assim como os outros autores, também defende que, na estrutura em que ocorre, o valor semântico do verbo é esvaziado, e que a característica que o sujeito porta é temporária. Em (2), ilustramos alguns casos:

- (2) a. Meu quarto **tá** uma zona de bolsas jogadas pra tudo quanto é lado kkkkkk, até eu me organizar, colocar tudo no lugar... (*Twitter*, 11 jan. 2022).
- b. Cara vc **tá** tão alienado que vendo vulto, acorda pra vida amigão, fura sua bolha, existe um mundo real fora dela. (*Twitter*, 13 jan. 2022).
- c. menino, que sufoco. Na prova objetiva passou em 8º, tem 8 vagas, hje veio o resultado da discursiva e ela foi pro 4º lugar. Ela **tá** doida pra trabalhar, não é o que ela quer, é o que tem. (*Twitter*, 19 jan. 2022).

Percebemos que, nos três excertos, o item *tá* atua como uma cópula entre os sujeitos e os seus predicativos (sintagmas nominal/adjetival): em (2a), quarto/zona de bolsas; em (2b), você/alienado; em (2c), ela/doida pra trabalhar. Verificamos, conforme Castilho (2010), que a característica portada pelo sujeito é temporária.

c) Verbo auxiliar

Também denominados como auxiliares (CASTILHO, 2010), os verbos auxiliares possuem carga semântica esvaziada. Tais verbos estabelecem relações morfossintáticas com as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio), compondo, assim, as locuções verbais (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; CUNHA; CINTRA, 2001 [1984]). Nesse tipo de estrutura, esses verbos são também responsáveis pelas flexões de pessoa, número, modo e tempo. Vejamos alguns exemplos em (3):

- (3) a. Deixei de seguir muita gente, esse povo **tá** sabendo usar legal o botão de "parar de seguir" sem o seguidor perceber aff, fico abalada (paranoica) real, qq eu fiz pra essa pessoa parar de me seguir?: (enfim, só fico com pensamentos pensantes. (*Twitter*, 13 jan. 2022).
- b. estamos vivendo uma misteriosa epidemia de disfunção cognitiva. Alguém sabe oq **tá** acontecendo sério? não é possível que as pessoas tenham tanta dificuldade de raciocinar o básico. (*Twitter*, 13 jan. 2022).

c. Covid **tá** rolando na alta, tem nem lugar de fazer o teste. (21 jan. 2022).

Nas três situações, a forma *tá* estabelece relações morfossintáticas com as formas nominais de gerúndio, compondo, assim, as locuções verbais: (3a) *tá sabendo*, (3b) *tá acontecendo*, (3c) *tá rolando*.

d) Expressão cristalizada

Assumimos como *expressão cristalizada* os casos em que o *tá* forma uma unidade integrada com outros itens linguísticos, o que, na visão de Bybee (2016 [2010]) corresponde a um *chunking* (traduzido na literatura como *encadeamento*): processo cognitivo que permite o agrupamento de unidades menores para a formação de unidades maiores. Conforme a autora,

[...] um *chunk* é uma unidade de organização da memória, formado por reunir um conjunto de blocos já presentes na memória e soldá-los juntos em uma unidade maior. *Chunking* implica a capacidade de construir tais estruturas de forma recursiva, levando assim a uma organização hierárquica de memória. *Chunking* parece ser uma característica onipresente da memória humana (BYBEE, 2016 [2010], p. 34).

Apresentamos, então, alguns casos em (4):

(4) a. A fofoca que ela vai contar do Neymar **não tá escrito**. #BBB2022. (Twitter, 14 jan. 2022).

b. Eu já não gosto de ter dor de cabeça, agora ter dor de cabeça quando tá tendo surto de gripe e covid já **tá demais**, não sei se é só dor de cabeça ou se é algum desses dois aí... bora colaborar neeee. (Twitter, 13 jan. 2022).

c. O cara voltou, e voltou para trabalhar mais ainda, já começando em 1º de janeiro de 2023. **O pai tá on**. (Twitter, 06 jan. 2023).

Como se pode perceber, em (4a), *não tá escrito* indica, tendo como base o contexto, que a informação/fofoca poderá ser polêmica ou grave. Em (4b), *tá demais* expressa uma ideia de indignação e/ou preocupação do sujeito com relação à situação em evidência. Em (4c), por sua vez, *O pai tá on* apresenta a ideia de aprovação do emissor com relação ao sujeito ao qual se refere, nesse contexto, o Presidente da República empossado. Nos três usos, percebemos que as expressões cristalizadas são resultantes da união de itens gramaticais que, em uma relação de dependência, se unem formando um único conjunto, produzindo, assim, novos significados. Considerando que as categorias são fluidas e não rígidas, vale a pena mencionar que essas expressões poderiam ser, em outros contextos, compreendidas de modo distinto.

e) Marcador discursivo

Marcadores discursivos¹⁶, conforme Martelotta (1997), correspondem a elementos linguísticos que se esvaziam de funções referenciais externas e assumem funções pragmáticas-discursivas, viabilizando “[...] no ato da comunicação falada, a relação produção/recepção, que pode ser comprometida por fatores ligados à atenção dos participantes, a contextos de improviso [...]” (MARTELOTTA, 1997, p. 91). Na fala, os marcadores atuam gerando interrupções, quebras, reformulações do discurso e/ou pausas para se refletir acerca do que está sendo dito.

O marcador discursivo é um rótulo capaz de recobrir tanto o plano textual como o plano interpessoal, estruturando, assim, a interação entre os envolvidos no contexto comunicativo e no planejamento da fala (MARCUSCHI, 1989). Embora os marcadores discursivos sejam mais predominantes na fala (FREITAG, 2001), na escrita menos monitorada eles também podem ser recorrentes, como notamos em nosso *corpus*. Em (5), apresentamos alguns casos:

(5) a. A madrinha já pode ir buscar na creche **tá**? (*Twitter*, 14 jan. 2022).

b. **tá** mas quando é que vai sair a lista com os participantes do bbb hein? (*Twitter*, 12 jan. 2022).

¹⁶ Também são denominados, na literatura, como marcadores conversacionais, operadores argumentativos ou articuladores textuais.

c. Kkkkkkkkkkkkk eu n vou nem te falar nada **tá**. (*Twitter*, 21 jan. 2022).

Verificamos que, como marcador discursivo, a forma reduzida do verbo *estar* em análise pode operar como uma pergunta retórica, ou seja, quando a intenção do falante é apenas checar a recepção do ouvinte sem carecer especificamente de uma resposta, como se pode notar em (5a). Em (5b), a forma *tá*, no início da sentença e sem entoação interrogativa, registra uma estratégia comunicativa de organização do discurso, transmitindo o sentido de interrupção e/ou encerramento de uma ideia anteriormente apresentada, em detrimento de uma nova temática a ser tratada no contexto comunicativo. Em (5c), percebemos também a ausência de entoação, e, embora situado no final da sentença, apresenta-se como estratégia comunicativa para finalizar uma discussão.

Do levantamento feito, confirmamos a hipótese levantada: o item *tá* é usado no *Twitter* com diferentes valores funcionais, *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressões cristalizadas* e *marcador discursivo*, o que, em termos sociofuncionalistas, indica variabilidade funcional.

5.3 Sobre a frequência de uso e as explicações sociofuncionalistas

Identificadas as funções, realizamos o levantamento quantitativo a fim de demonstrar o impacto da frequência de uso na amostra analisada. Os resultados estão na Tabela 2:

Tabela 2 – Funções desempenhadas pela forma fonologicamente reduzida do item *estar* no *Twitter*

Função	Forma reduzida	
	Ocorrências	%
Verbo principal	07	3,6
Verbo de ligação	51	26,6
Verbo auxiliar	47	24,5
Expressão cristalizada	62	32,3
Marcador discursivo	25	13
Total	192	100

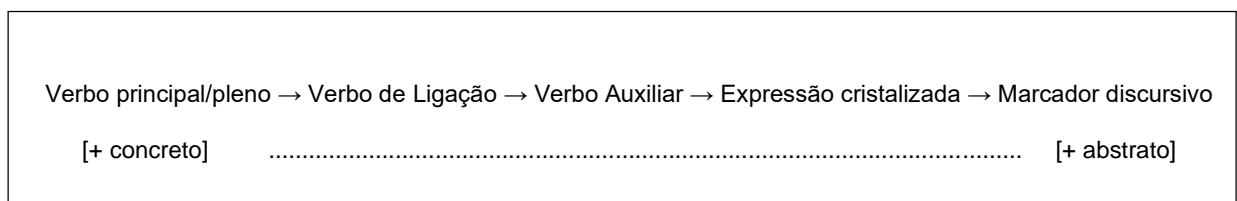
Fonte: Elaboração própria.

Como podemos verificar, na função de *expressão cristalizada*, a forma *tá* apresentou o maior número de ocorrências, totalizando um percentual de 32,3% na amostra. Com relação às funções de *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*, a forma apresentou, respectivamente, os percentuais de 26,6% e 24,5%. Na função de *marcador discursivo*, o uso atestou uma frequência de 13%. Por sua vez, a função plena foi a menos recorrente, apenas 3,6%. Com esses números, certificamos que a frequência de uso, na rede social *Twitter*, indica um avanço das funções em que o verbo atua com valores mais abstratos, como havíamos hipotetizado.

Tendo em vista a análise promovida e o levantamento feito, confirmamos, em termos sociofuncionalistas, que: (i) o item *tá* tem expandido seus contextos de usos; (ii) os usos da forma reduzida *tá* indicam variabilidade funcional, pois cinco funções (variantes) foram identificadas; (iii) as funções/variantes se encontram em uma situação de competição; (iv) a frequência de uso aponta que uma das funções está perdendo espaço, no caso, a função de verbo principal, aquela em que o verbo tem carga semântica específica e atua com valor mais concreto; (v) a frequência de uso aponta que o *tá* tem sido mais usado com valor semântico esvaziado (verbo de ligação e verbo auxiliar) e com funções discursivas (*expressão cristalizada* e *marcador discursivo*); (vi) os usos indicam mudança por gramaticalização.

Para explicar o percurso que caracteriza a gramaticalização do item *tá*, propomos o *cline/continuum* na Figura 4, adaptado a partir do que Pinheiro (2019) assumiu em seu trabalho:

Figura 4 – *Continuum* de gramaticalização do item *tá*



Fonte: Adaptado de Pinheiro (2019).

Na função mais à esquerda, verbo principal/pleno, o verbo atua com valor mais concreto, dada a carga semântica que carrega; na função mais à direita, marcador discursivo, o item *tá* atua com valor mais abstrato; no meio do percurso, registramos o *tá* ocorrendo ainda como verbo (ligação e auxiliar), mas com valores semânticos esvaziados, e, também, atuando em unidade com outros itens

(expressão cristalizada). Neste último caso, o verbo se apresenta como mais abstrato, dada a relação que se estabelece com outros itens linguísticos.

Conforme demonstrado na Tabela 2, e no *continuum* proposto na Figura 4, assumimos que, em termos sociofuncionalistas, as funções do *tá* (variantes) estão competindo em um mesmo domínio funcional, tanto as funções já conhecidas (verbo pleno, ligação e auxiliar) quanto as funções inovadoras (expressão cristalizada e marcador discursivo). Esse uso indica, portanto, variabilidade funcional.

Para explicar a mudança em torno do que constatamos, recorreremos aos princípios de Hopper (1991). A *estratificação* se aplica porque as funções coexistem e interagem uma com as outras em um mesmo domínio funcional (mesmo contexto de uso – o *Twitter*). No entanto, vimos que a função plena está perdendo espaço para as outras funções (gramaticalizadas), principalmente aquelas que são intermediárias (verbo de ligação, verbo auxiliar e expressão cristalizada) no *continuum*. E, no caso dessas, percebemos a atuação do princípio da *especialização*, pois a função de expressão cristalizada é a mais recorrente, o que sinaliza o estreitamento de sua escolha.

Sobre o princípio da *divergência*, ele também se aplica em nossos dados, pois como verbo o *tá* atua com três funções divergentes: plena, ligação e auxiliar. Os três usos também evidenciam o princípio da *persistência*, dada a propriedade da flexão que se aplica a eles. Por fim, também verificamos o princípio da *descategorização*, aplicado nas funções de expressão cristalizada e marcador discursivo, tendo em vista as perdas de propriedades morfológicas e sintáticas do item *tá*.

5.4 Encerrando a seção

A partir de pressupostos sociofuncionalistas, buscamos, nesta seção, demonstrar, a partir da variável linguística *função do item*, quais são os valores funcionais assumidos pela forma fonologicamente reduzida do item *estar* em textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*. Defendemos que a rede social constitui-se como um *locus* que evidencia a língua efetivamente em uso, na qual os falantes/usuários fazem as suas escolhas linguísticas, adequando-as ou adaptando-as, com vistas ao atendimento das suas necessidades.

Com a descrição e análise desenvolvidas, certificamos que a forma *tá*

desempenha, no *corpus*, as mesmas funções da forma fonologicamente plena, *estar*, conforme constatou Pinheiro (2019): *verbo principal*, *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*. Para além dessas funções, também, como o mesmo autor, constatamos que a forma fonologicamente reduzida de *estar* atua como *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*. Das funções registradas, notamos, pela frequência de uso, um uso mais acentuado de funções em que o verbo atua com valor semântico esvaziado e, também, de funções com valor discursivo. Confirmamos, assim como Pinheiro (2019), que há uma situação de mudança por gramaticalização a caminho, na qual o *tá* está perdendo os seus traços [+ concretos] e adquirindo traços [+ abstratos].

6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

6.1 Introdução

Nesta seção, apresentamos a nossa sugestão de proposta de intervenção – requisito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UESC) – que visa aliar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação com as práticas que se efetivam no cotidiano das aulas de língua portuguesa do ensino fundamental. Optamos, assim, pela elaboração de uma Sequência Didática (doravante SD) que será direcionada aos estudantes dos 8º anos do Ensino Fundamental da Escola Instituto de Educação, situada no Município de Guaratinga, Extremo Sul da Bahia.

A seção está estruturada da seguinte forma: na primeira subseção, contextualizamos a problemática que nos motivou a desenvolver uma proposta direcionada ao ensino de língua portuguesa; na segunda, justificamos os motivos pelos quais optamos pela elaboração de uma SD; na terceira, esboçamos a nossa proposta; por fim, encerramos a seção com breves considerações.

6.2 Colocando em cena a nossa problemática

A efetivação de um ensino de língua portuguesa que contemple estratégias reflexivas para o tratamento de fenômenos linguísticos, como, por exemplo, a variação e a mudança, ainda não ocorrem de forma sistemática e/ou adequada no contexto escolar. Acreditamos que, pelo menos, dois fatores contribuem para a ausência de práticas reflexivas e conscientes em torno das questões linguísticas: o primeiro pode estar aliado à dificuldade de transformação dos conhecimentos teóricos acumulados, por muitos docentes, à práxis do ensino de língua portuguesa; o segundo, à falta de embasamento teórico do profissional docente que ainda atua com práticas pautadas em uma perspectiva de base tradicional, comprometida com a memorização de regras e com o ensino voltado para o rotular e ou nomear “as coisas da língua” (ANTUNES, 2003). Para esta autora, o que ainda se verifica com frequência no contexto escolar é:

além do trabalho com a **gramática nomenclatural** e classificatória — em que apenas se desenvolve a capacidade de reconhecimento de unidades e de nomeá-las corretamente — também se encontram, na escola: a **gramática descontextualizada**, em que os conteúdos escolares estão fora do uso linguístico real; a **gramática fragmentada**, em que os elementos são observados em frases soltas e isoladas; a **gramática da irrelevância**, em que as questões de ensino configuram-se apenas com a finalidade de que os alunos memorizem as regras e saibam as suas diferenças; a **gramática das excentricidades**, que tem como ensino apenas a norma culta, esquecendo da variação linguística; a **gramática inflexível**, que considera a existência de uma língua uniforme e inalterável; e a **gramática prescritiva**, que se preocupa apenas com acertos, “como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de ler e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz e se tem algo a dizer” (ANTUNES, 2003, p. 31-32, grifos nosso).

Com esse enfoque, conforme apontado pela autora, menores são as chances de práticas voltadas às reflexões/análises linguísticas, aquelas que capacitarão o aluno a perceber as regularidades e motivações das formas e funções linguísticas, a entender a dinamicidade e fluidez da língua em suas diferentes instâncias de uso.

Nesse sentido, há necessidade de romper com o *pseudopurismo*¹⁷ que se instaurou historicamente nas práticas de ensino de língua portuguesa, as quais disseminaram a cultura do “certo” e do “errado”, da língua ideal, da norma culta como sendo a variedade perfeita. É preciso romper com o ensino baseado apenas em normas prescritivas que, na verdade, contribui para reforçar estereótipos e o preconceito linguístico, fazendo com que os alunos passem a repudiar o ensino de gramática, já que a abordagem adotada comumente os leva a pensar que a língua é difícil de ser aprendida, que as normas que eles dominam não são “corretas”, que a norma culta é superior às demais, que a gramática constitui um conjunto de verdades absolutas. É necessário que as práticas de ensino de língua portuguesa evidenciem que a gramática não é estática, que as regras gramaticais permitem variabilidades, que elas são modeladas e modificadas pelo uso, como ressaltam Kanthack e Costa (2021). Enfim, é preciso repensar o ensino de modo que a língua seja vista como uma atividade social, heterogênea e variável, que está em constante transformação, e a gramática como um instrumento que está a serviço do falante.

Para que isso aconteça, defendemos a necessidade de intervenções pedagógicas que possibilitem reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento da língua, bem como de ações que proporcionem ao aluno o aprimoramento de sua

¹⁷ De acordo com Faraco (2016), refere-se aos preceitos normativos/dogmáticos reproduzidos em nossa cultura a partir das últimas décadas do século XIX, influenciando os modelos de ensino de língua portuguesa no Brasil.

competência comunicativa, de modo a capacitá-lo para o uso da língua em situações diversas, sejam orais ou escritas, em modalidades mais e menos monitoradas.

Com intervenções bem direcionadas, podemos contribuir para que o docente possa atuar como um orientador do processo de (re)construção do saber gramatical dos alunos, oferecendo-lhes um ensino através do qual possam experienciar a língua em suas múltiplas faces, aproximando, assim, as questões gramaticais das suas experiências de uso e das funções/papéis que cada item linguístico poderá desempenhar nas situações comunicativas estabelecidas, ou seja, nos discursos que produzem diariamente em diferentes contextos (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016).

6.3 A proposta de intervenção: justificando a escolha do trabalho com Sequência Didática

A SD constitui uma proposta de ensino de língua produzida pela Escola de Genebra que tem como expoentes Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz. Essa proposta é definida como “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Tendo em vista que esse tipo de trabalho contempla uma organização que consideramos apropriada para trabalhar o nosso objeto de estudo, optamos, assim, pela elaboração de uma SD, com a proposição de atividades que se distribuem gradativamente entre tarefas de caráter linguístico, epilinguístico e metalinguístico, conforme Franchi (1987).

Com a tarefa linguística, pretendemos propiciar o contato dos/as estudantes com a leitura e escrita de diferentes textos, levando em consideração que esse tipo de atividade, na escola, poderá efetivar-se em uma perspectiva dialógica de troca de informações e interlocução discente/docente, constituindo-se como um “[...] exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem” (FRANCHI, 1987, p. 39).

Por meio da tarefa epilinguística, almejamos promover reflexões em torno dos fatos linguísticos em propostas de atividades que, de acordo com Gomes e Souza (2017, p. 62), consistem na “[...] prática reflexiva em relação a um texto (escrito, lido, falado e/ou ouvido) e suas operações sobre ele, de forma a explorá-lo em diferentes aspectos e níveis”. Nesse sentido, em uma atividade epilinguística, o docente deverá

estimular/mediar situações em que o estudante aja com e sobre a linguagem.

Com a atividade metalinguística, visamos desenvolver análise e reflexão voltadas para a descrição, a categorização e a sistematização de um conhecimento nocional que permita ao aluno entender a importância de uma metalinguagem, pois é com ela que podemos falar e refletir sobre a língua.

Seguindo esses direcionamentos, objetivamos, com nossa proposta, desenvolver um trabalho sistemático sobre o uso do verbo *estar*, com atenção particular para sua forma fonologicamente reduzida, a partir de diferentes gêneros textuais. Com ela, não pretendemos fornecer soluções prontas ou esgotar as possibilidades de estratégias docentes para um ensino mais reflexivo e significativo em torno do objeto em estudo, mas acreditamos que a SD se constitui como uma possibilidade, isto é, um instrumento eficaz para a realização de atividades que envolvam análises e reflexões sobre o funcionamento efetivo da língua. Além disso, a SD possibilita a realização de um trabalho integrador, que leva em conta os conteúdos, os objetivos específicos estabelecidos, a necessidade de variação das atividades, os tipos de exercícios e os eixos das aulas (leitura, conhecimentos linguísticos, escrita ou oralidade), tendo como base um calendário pré-fixado e passível de reformulações.

Assim, a nossa proposta, além de proporcionar reflexões a respeito dos usos sociais da língua, terá como meta ampliar o ensino de gramática que, na maioria das vezes, é apresentado no contexto das salas de aulas não passando “[...] de uma coleção de rótulos e propriedades de itens gramaticais (verbos, nomes, pronomes, conjunções, orações coordenadas e subordinadas, etc.) e os papéis sintáticos vinculados a eles (sujeito, predicado, adjunto, etc.)” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016, p. 15). Em tempo, esclarecemos que não desqualificamos o ensino das regras gramaticais, a partir do qual o ensino de gramática normativa está articulado em nossas escolas, afinal, esse modelo está fundamentado na chamada norma-padrão. Ao lado dessa, precisamos, também, apresentar outros usos, aqueles que evidenciam a dinamicidade da língua.

Destacamos que o tratamento das questões gramaticais, na atualidade, ainda se dá, na maioria das vezes, de forma mecânica e artificial, na qual os itens gramaticais são rotulados e classificados, e a eles são vinculados papéis sintáticos. Nesse modelo de ensino, as classes de palavras e as funções sintáticas costumam ser focadas isoladamente, como se não houvesse uma integração entre elas na

produção do discurso, como destacam Furtado da Cunha e Tavares (2016). Essas autoras reiteram que, nesse paradigma de ensino, os tópicos gramaticais são, costumeiramente, estudados no âmbito das orações isoladas e as condições cognitivas, comunicativas e sociais que motivam a produção linguística são desconsideradas.

Para alterar esse tipo de prática, defendemos a importância de que sejam oportunizadas aos estudantes outras metodologias que possibilitem análises e reflexões dos fenômenos linguísticos presentes nos textos (falados e escritos) produzidos em práticas efetivas de língua. Ou seja, justificamos a necessidade de práticas de ensino e aprendizagem que permitam ao aluno compreender a língua como um sistema heterogêneo, dinâmico, e a gramática enquanto um sistema emergente que possibilita ao falante (re)criação constante. Práticas bem estruturadas poderão contribuir para o desenvolvimento do estudante não apenas como um usuário da língua, mas como um falante competente capaz de monitorar a própria atividade linguística.

Tendo em vista que o fenômeno investigado em nossa pesquisa evidencia o uso variável da língua, e por envolver um objeto bastante estudado nas aulas de língua portuguesa, o verbo, justificamos como relevante uma proposta que possibilite aos estudantes compreenderem que o verbo *estar* poderá ser usado de forma variável, tanto em termos de forma quanto de função, podendo extrapolar, inclusive, os valores atribuídos, por exemplo, por gramáticas de orientação normativa.

6.4 A proposta

A presente proposta se desenvolve em torno de diferentes gêneros textuais, dentre eles, os digitais¹⁸, e contempla as formas variadas do verbo *estar* e a sua variabilidade de funções e sentidos.

6.4.1 Objetivos

Geral: fornecer subsídios para que os alunos reflitam sobre usos do verbo *estar*, com atenção particular para sua forma fonologicamente reduzida, a partir de

¹⁸ Modalidade de gêneros textuais que surgiram com a internet e tem como característica a multimodalidade, uma vez que podem mesclar palavras, imagens, sons em um mesmo espaço (ARAÚJO, 2011).

diferentes gêneros textuais, em especial, aqueles que circulam nas redes sociais.

Específicos:

- Compreender a heterogeneidade e dinamicidade da língua;
- Reconhecer o uso variável como possibilidade da língua;
- Perceber que os diferentes usos, seja de forma e de função, são decorrentes das necessidades comunicativas dos falantes;
- Entender os diferentes valores funcionais assumidos pelo verbo *estar* e a sua forma fonologicamente reduzida;
- Apreender que a variabilidade funcional do item *estar* indica uma situação que envolve a variação/mudança linguística.

6.4.2 Conteúdos propostos:

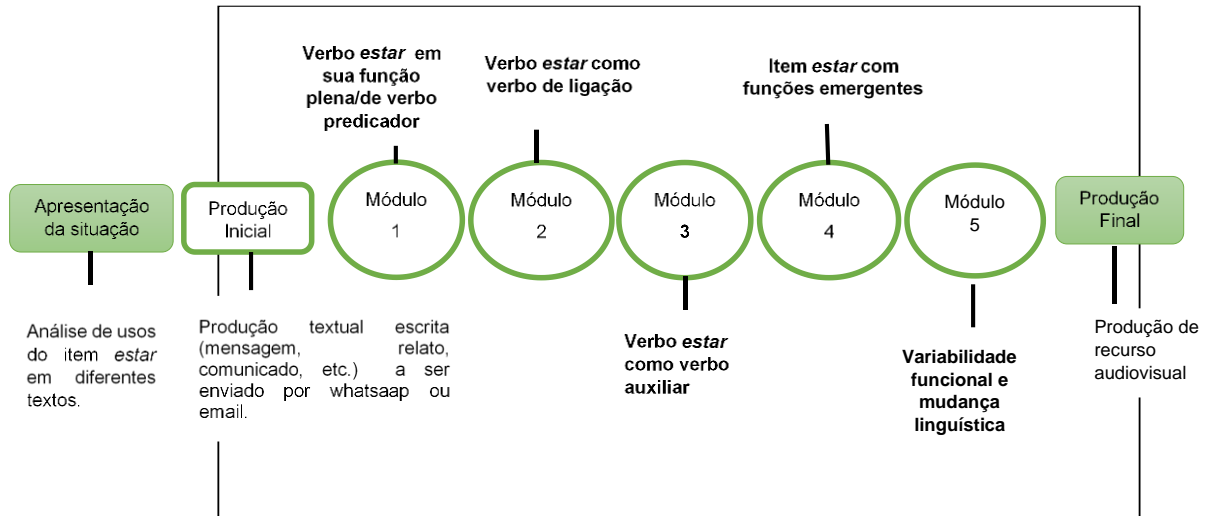
- Valores funcionais do verbo *estar* e da sua forma fonologicamente reduzida em diferentes gêneros textuais;
- Variabilidade funcional e mudança linguística;
- Língua, heterogeneidade e dinamicidade.

6.4.3 Público alvo: estudantes dos 8º anos do Ensino Fundamental da Escola Instituto de Educação de Guaratinga-BA.

6.4.4 Apresentando a proposta

Adotamos, para a proposta de intervenção, o modelo de Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), adaptada conforme a Figura 5:

Figura 5 – Adaptação do esquema da Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004)



Fonte: Elaboração própria.

Assim, propomos:

6.4.5 Apresentação da situação (02 h/a): nesta etapa, será apresentada, aos estudantes, a proposta de trabalho que contemplará os usos variados do verbo *estar* que, tanto em textos orais como em textos escritos, poderá apresentar-se em sua forma fonologicamente plena (*está, estava, estão...*) como também em sua forma fonologicamente reduzida (*tá, tava, tão...*).

A fim de verificar o conhecimento prévio dos discentes sobre as funções e os sentidos veiculados pelo verbo, objeto de estudo, serão apresentados os textos a seguir:



Fonte: *Twitter*. Disponível em:

<<https://twitter.com/Mfutebolisticos/status/1573380163034832896/>>. Acesso em: 23 set. 2022.



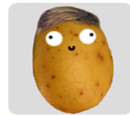
Fonte: Blog Aulas de Redação – Colégio Tambaú. Disponível em: <<http://produzirtextosgeotambau.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.



Fonte: Tiras Armandinho. Disponível em <<https://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Acesso em: 21 abr. 2022.



Fonte: Bombou no WA. Disponível em: <<https://www.bombounowa.com/imagens/>> Acesso em: 21 abr. 2022.



Poemas sem sentido

Já tentei fugir de mim mesmo
mas em todo lugar que eu ia
eu tava lá

Fonte: imgs.app. Disponível em: <<https://imgs.app/p/imagens-whatsapp-imgs-colecao-26054-zapzap-0wlGurml>>. Acesso em: 31 dez. 2022.



Fonte: dopl3r. Disponível em: <<https://pt.dopl3r.com/memes/graciosos/agente-fala-que-ta-de-boa-mase-cada-respirada-funda-que-a-gente-da-pra-nao-pirar/123517>>. Acesso em: 21 abr. 2022.



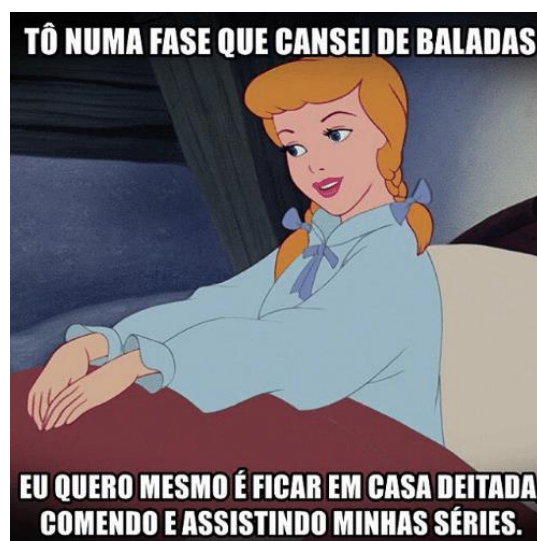
Fonte: Meme Creator. Disponível em: <<https://www.memecreator.org/meme/v>>. Acesso em: 21 abr. 2022.



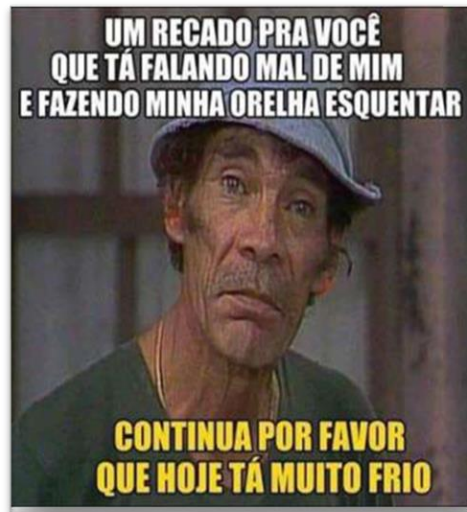
Fonte: Gerar Memes. Disponível em:
 <<https://www.gerarmemes.com.br/10735>>.
 Acesso em: 25 abr. 2022.



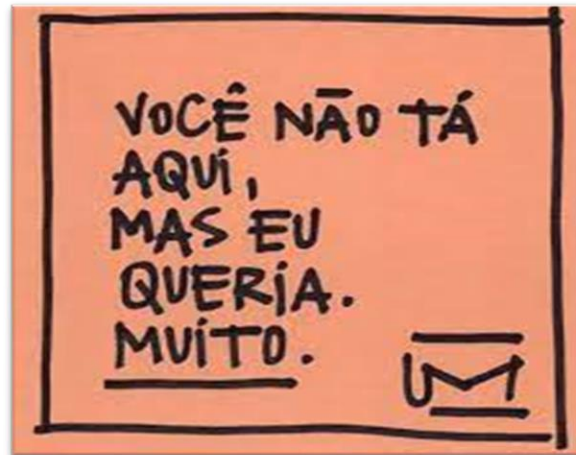
Fonte: *Pinterest*. Disponível em
 <<https://br.pinterest.com/pin/291397038394024601/>>. Acesso em: 25 abr. 2022.



Fonte: MeMe. Disponível em:
 <<https://me.me/i/to-numa-fase-que-cansei-de-baladas-eu-quero-mesmo-13647949>>. Acesso em: 31 dez. 2022.



Fonte: Meu ZapZap. Disponível em:
<<https://www.meuzapzap.com/imagens/>>.
Acesso em: 25 abr. 2022.



Fonte: Status Imagens. Disponível em:
<<https://statusimagens.com/listings/>>. Acesso em:
25 abr. 2022.



Fonte: Gif Mania. Disponível em:
<<https://gifmania.com.br/index.php/2021/10/07/>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

O RECADO TÁ



Fonte: *Pinterest*. Disponível em:
 <<https://br.pinterest.com/pin/740842207444968837/>>..Acesso em: 01 mai. 2022.



Fonte: *Sticker.ly*. Disponível em:
 <<https://sticker.ly/s/44VEHW>>. Acesso em:
 01 mai. 2022.

CÊ TÁ DOIDO

Fonte: *Pinterest*. Disponível em:
 <<https://br.pinterest.com/pin/725783296197551619/>>. Acesso em: 01 mai. 2022.



Fonte: Top Imagens. Disponível em: <<https://www.topimagens.com.br/religioso/8237>>. Acesso em: 01 mai. 2022



Fonte: Correio 24 horas. Disponível em <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/sem-tempo-irmao-febre-no-whatsapp-figurinhas-sao-os-novos-emojis/>>. Acesso em: 01 mai. 2022

Inicialmente, o professor deve propor aos estudantes que (i) localizem o verbo *estar*, e, depois, (ii) procurem reconhecer as funções e descrever os sentidos desempenhados. Com a segunda ação, o esperado é diagnosticar o conhecimento prévio dos discentes sobre: se o verbo indica algum estado ou qualidade de algo ou alguém; se expressa a ideia de espaço/lugar; se o verbo atua como núcleo da sentença ou se atua em combinação com outros itens linguísticos; se o verbo atua como ligação, como auxiliar; se o verbo atua com outras funções que não são conhecidas deles. Nesse tipo de atividade, ao focalizarem o item gramatical *está/tá*, na leitura dos diversos textos, os estudantes poderão experimentar uma análise mais consciente e atenta em torno da língua.

Em um segundo momento, promover com os estudantes uma discussão em torno da natureza dos textos apresentados, no intuito de que eles (i) percebam características próprias de cada texto (finalidade, conteúdo temático, estilo, época, contexto de produção, circulação, recepção e posicionamentos adotados pelos autores) e (ii) reconheçam que os textos digitais se configuram como ferramentas do cotidiano, servindo a propósitos comunicativos variados.

6.4.6 Produção inicial (02 h/a): nesta fase, o professor deve orientar que os discentes (em dupla) produzam algum texto escrito (comunicado a alguém a ser enviado por *WhatsApp* ou *e-mail*; relato de algum acontecimento, de alguma estória... enfim, podem ser textos variados, desde que sejam objetivos) e que façam uso do verbo *estar*, tanto em sua forma plena quanto em sua forma fonologicamente reduzida.

De posse das produções, o professor deverá levantar, previamente, os usos feitos e escolher alguns casos para refletir, com os alunos, sobre propriedades específicas envolvendo o verbo em questão. Por exemplo, sobre a forma reduzida do verbo: essa forma deve ser vista como “erro”? A escolha dela foi motivada por algum fator em particular? Seu uso se destaca em termos de entonação? Sobre a forma plena do verbo: quando atua como núcleo de uma sentença, quais são seus sentidos? Quando a forma plena atua como verbo de ligação e auxiliar, que características formais apresentam as estruturas em que eles ocorrem? Outras questões podem ser acrescentadas à discussão e reflexão.

Ao final dessa etapa, após mapear as formas e funções assumidas pelo *estar*, tanto nos textos produzidos pelos estudantes como também nos gêneros digitais expostos anteriormente, o docente elaborará, no quadro, uma tabela ¹⁹, sistematizando os resultados. Nesse momento, o professor pode enfatizar que os usos são determinados pelos contextos comunicativos, e que cada função (*verbo pleno/principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, marcador discursivo e expressão cristalizada*) evidencia comportamentos sintáticos e semânticos particulares. Com isso, espera-se que o aluno compreenda que os itens linguísticos estão a serviço das intenções do falante, e, por isso, podem variar tanto em termos de forma quanto

¹⁹ Essa tabela será retomada no quarto módulo e o docente poderá motivar os estudantes a refletirem a respeito das observações realizadas inicialmente e após o contato com os textos de diferentes gêneros analisados ao longo da SD.

de função.

6.4.7 Os módulos: para essa etapa da proposta, elaboramos os módulos contemplando funções específicas do verbo *estar*, com o objetivo de, ao final, o aluno ter a compreensão de que a língua nos oferece diversas possibilidades de usos, de escolhas linguísticas com vistas ao atendimento das necessidades e interesses comunicativos. Também que, ao término, o aluno tenha o entendimento de que os usos variados do verbo *estar* indicam um processo de mudança linguística.

Os módulos estarão organizados assim: no primeiro, abordaremos os usos do *estar/tá* em sua função de *verbo principal/predicador*; no segundo, o item em sua função de *verbo de ligação*; no terceiro, em sua função de *verbo auxiliar*; no quarto, as funções de *marcador discursivo* e *expressões cristalizadas*; no quinto e último módulos, sistematizaremos aspectos relacionados à variabilidade funcional e mudança linguística envolvendo o verbo *estar*. As atividades de caráter *linguístico* ocorrerão a partir do contato dos alunos com diferentes textos; as de caráter *epilinguístico* serão promovidas por meio das reflexões em torno dos itens analisados, de modo que o aluno aja com e sobre a linguagem; as de caráter *metalinguístico* serão realizadas à medida que professor e aluno refletem sobre os usos, uma prática que ocorre por meio de categorizações e noções teóricas apropriadas para abordar o objeto e as estruturas em que ele ocorre.

6.4.7.1 Módulo 1 (03 h/a)

Tema: Verbo *estar* em sua função plena/de verbo predicador

Conteúdo: usos do verbo *estar* e de sua forma fonologicamente reduzida em sua função plena/de predicador.

Objetivo geral:

Reconhecer o verbo atuando em sua função plena/de predicador.

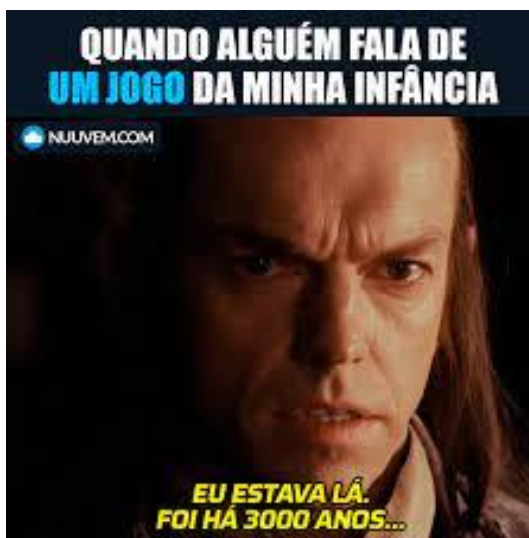
Objetivos específicos:

- Depreender os sentidos de cada uso: indicação de estado ou de lugar.
- Verificar a natureza dos elementos sintáticos selecionados pelo verbo.

Metodologia:

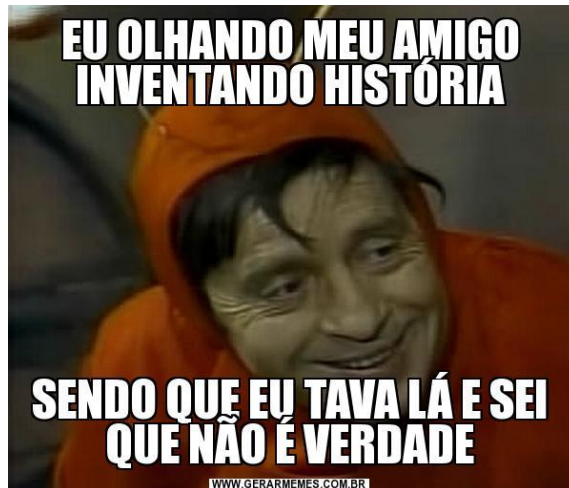
Neste módulo, o docente deverá previamente sondar os conhecimentos que os estudantes possuem a respeito do gênero digital *memes*. De posse dos conhecimentos expostos pela turma, o docente poderá sistematizar algumas informações como, por exemplo: (i) os *memes* se constituem como gêneros digitais bastante utilizados na atualidade; (ii) referem-se sempre a um tema do cotidiano e possuem, normalmente, teor humorístico; (iii) podem ser materializados por meio de textos escritos, de imagens, vídeos ou *gifs*, tanto em linguagem formal quanto informal.

Na sequência, serão expostos²⁰ os textos que, primeiramente, devem ser lidos e, em uma perspectiva dialógica, professor e aluno discutem sobre a natureza de cada texto, a intencionalidade presente em cada produção, por exemplo:



Fonte: *Facebook*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nuuvenbrasil/photos//2426440487426075/>>. Acesso em: 26 set. 2022.

²⁰ O docente poderá imprimir os textos em tamanhos ampliados ou projetar as imagens na televisão da sala de aula ou no projetor multimídia da escola.



Fonte: Gerar Memes. Disponível em <<https://gerarmemes.s3.us-east-2.amazonaws.com/memes/a43b7a7e.jpg>>. Acesso em: 30 dez. 2022.



Fonte: *Twitter*. Disponível em: <https://twitter.com/_gllsantos/status/1386352663617576966/photo/1>. Acesso em: 26 set. 2022.

Depois da leitura e discussão, os alunos, em duplas, deverão identificar as formas em que o verbo *estar* se apresenta nos três textos e, também, os complementos selecionados nos contextos em que se encontram empregados. Deverão indicar se os sentidos denotados são de *lugar* ou de *companhia*. Identificadas as formas e os sentidos, o professor deve destacar que o item, quando atua com papel nuclear na oração, desempenha a função de verbo *principal/pleno*. E que, nessa função, o verbo predica/seleciona complementos que indicam lugar ou companhia de alguém, como podemos perceber respectivamente na natureza dos complementos em *estava/lá*, *tava/lá* e *tá/com a minha* (pessoa). Também é preciso destacar que o verbo, nessa função, pode ou não apresentar variação na forma (*estava/tava/tá*), uma regra bastante comum na língua.

Para finalizar este módulo, o professor pode sugerir, como atividade complementar, que os alunos, em duplas, pesquisem usos do *estar/tá* com função plena/principal em textos do gênero narrativo, como por exemplo, crônicas. Deverão verificar qual a forma (plena ou reduzida) do verbo *estar* é mais favorecida no gênero em questão. As crônicas escolhidas e os resultados da análise deverão ser socializados com a turma e devidamente arquivados para serem utilizados na última etapa da Sequência Didática.

6.4.7.2 Módulo 2 (03 h/a)

Tema: Verbo *estar* como verbo de ligação

Conteúdo: usos do verbo *estar* e de sua forma fonologicamente reduzida em sua função de ligação.

Objetivo geral:

Reconhecer o verbo atuando em sua função de ligação.

Objetivos específicos:

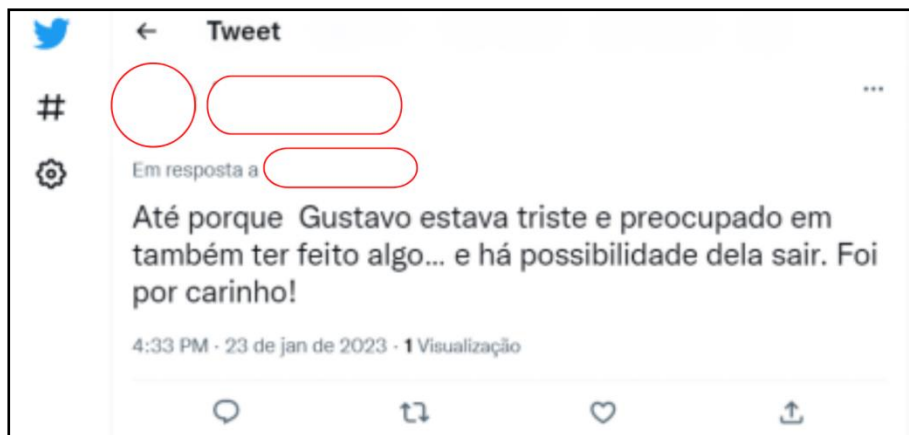
- Perceber se o verbo estabelece com o sujeito uma característica temporária ou não;
- Identificar os tipos de predicativos selecionados pelo verbo.

Metodologia:

No segundo módulo, o professor trabalhará com o verbo *estar* em sua função de verbo de ligação, ou seja, aquele caso em que o *estar* se apresenta com valor semântico esvaziado, estabelecendo uma cópula entre o sujeito e o seu predicativo (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; CUNHA; CINTRA, 2001 [1984]; CASTILHO (2010). Para tanto, sugerimos para o trabalho textos do gênero *tweet*.



Fonte: *Twitter*. Disponível em:
 <<https://twitter.com/luxonshm/status/1592177580127715328>>.
 Acesso em: 14 nov. 2022.



Fonte: *Twitter*. Disponível em:
 <<https://twitter.com/kaylesemtempo/status/1617661782587506689>>.
 Acesso em: 23 jan. 2023.



Fonte: *Twitter*. Disponível em:
 <<https://twitter.com/solmatsubara/status/1617606539329605648>>.
 Acesso em: 23. jan. 2023.

Apresentados os textos, o docente deverá direcionar a análise de modo que os estudantes percebam que o verbo *estar*, nos três textos, atua estabelecendo uma ligação/cópula entre o sujeito e o seu predicativo ²¹, como podemos ver, respectivamente, em *temporada/chata*, *ela/linda* e *Gustavo/triste/preocupado*, isto é, o verbo relaciona o sujeito à/s sua/s característica/s expressa/s no predicado. O professor poderá estimular os estudantes a perceberem que a característica portada pelo sujeito é transitória/breve e que todos os predicativos das sentenças são de natureza adjetival.

No segundo momento, o professor deverá refletir, junto com os alunos, acerca do local de veiculação dos textos em tela, sobre o nível de formalidade das mensagens e a/s intencionalidade/s presentes em cada um, para que possam entender as escolhas feitas pelos falantes. Espera-se que os estudantes apontem que nos *tweets*, mensagens veiculadas na rede social *Twitter*, não há necessidade de um monitoramento e /ou uma linguagem mais formal, o que poderá favorecer o emprego de formas reduzidas (*tá, tava, tô*).

Ainda, nesse módulo, o docente poderá abordar que os usos de formas reduzidas (*tá, tô, tava, tavam* etc.) não podem ser estigmatizados, uma vez que suas escolhas atendem aos propósitos comunicativos dos falantes. Nessa ocasião, poderá dialogar com os estudantes acerca das variantes (populares e de prestígio) bem como orientá-los acerca do *preconceito linguístico*, que se manifesta a partir de julgamentos sociais, o que, muitas vezes, propicia a exclusão social do falante.

Ao final deste módulo, os/as estudantes deverão organizar-se em grupos com quatro estudantes para realizarem uma atividade de pesquisa que vise encontrar o verbo *estar*, seja em sua forma plena, seja em sua forma reduzida, atuando como *verbo de ligação* em outros textos. Nessa tarefa, deixaremos o gênero textual a critério dos/das estudantes. Após as pesquisas, os grupos apresentarão os textos escolhidos e argumentarão se os gêneros escolhidos pelo grupo motivaram mais o emprego do verbo em sua forma plena ou reduzida. Os textos pesquisados deverão ser arquivados para serem expostos posteriormente.

²¹ O docente poderá revisar com os estudantes que o predicativo do sujeito é o termo que, numa sentença, embora esteja localizado no predicado, possui a função de caracterizar o sujeito da sentença. Será relevante destacar que, embora se trate de uma característica, o predicativo poderá ser representado não apenas por um adjetivo, mas também por outros sintagmas (nominais, adverbiais e preposicionais).

6.4.7.3 Módulo 3 (02 h/a)

Tema: Verbo *estar* como verbo auxiliar

Conteúdo: usos do verbo *estar* e de sua forma fonologicamente reduzida em sua função auxiliar.

Objetivo geral:

Reconhecer o verbo atuando como auxiliar.

Objetivos específicos:

- Analisar as características morfossintáticas do verbo em sua função auxiliar;
- Verificar os tipos de verbos selecionados pelo verbo auxiliar.

Metodologia:

No terceiro módulo, o professor discutirá, à luz da tradição gramatical, a respeito dos verbos auxiliares que, como o próprio nome diz, auxiliam o verbo principal em suas formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio). Para tal, o docente poderá lançar mão do conceito de *locução verbal*, explicando que ela é resultante da junção de dois ou mais verbos que exercem a função morfológica de apenas um verbo.

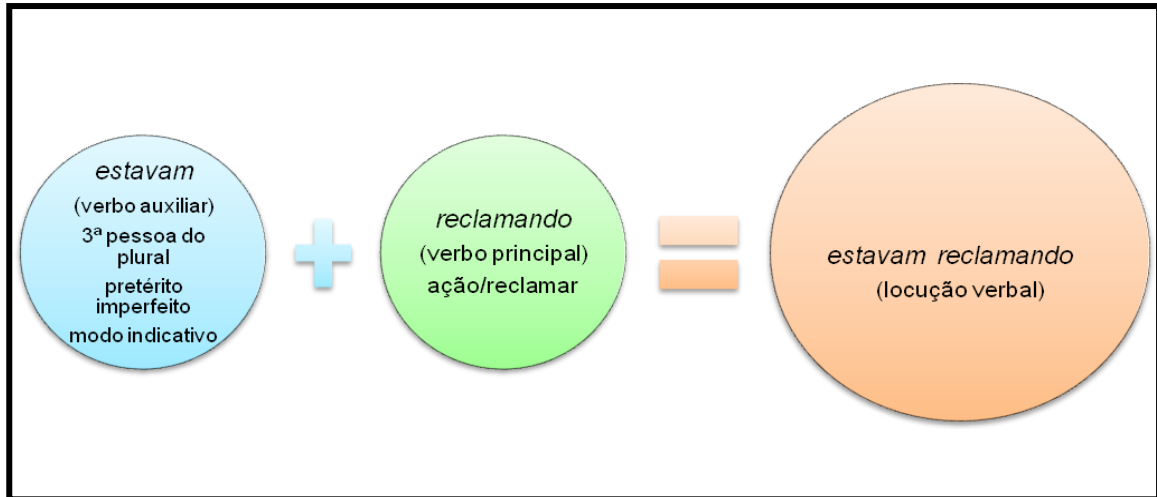
Nesse diálogo, o professor poderá apresentar a seguinte sentença:

Os clientes *estavam reclamando* dos serviços prestados pela empresa contratada.

Nessa ação, o professor deve destacar que o verbo *estar*, dentro da locução, ocorre flexionado, concordando com o sujeito que o precede. Nessa ocasião, ele pontuará que o verbo auxiliar é responsável pelas flexões de pessoa, número, modo

e tempo, enquanto o verbo principal expressa a ideia central da ação. Para sistematizar isso, poderá apresentar no projetor de imagem a seguinte Figura 6:

Figura 6 – Esquema de representação da locução verbal



Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, ainda utilizando o projetor de imagens, o docente solicitará que os estudantes identifiquem as locuções verbais que ocorrem nos textos que seguem:



Fonte: *Pinterest*. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/352125264617949797/>>. Acesso em: 23 set. 2022.



Fonte: Gerar Memes. Disponível em <<https://www.gerarmemes.com.br/memes-galeria/32-rochelle/30>>. Acesso em: 02 dez. 2023.

Meu coração está amando

Gustavo Miotto

Essa noite eu **estou pensando** em você
 E sinto que não vou conseguir
 Nem dormir se não te ver
 [...]
 Porque o meu coração **está amando**
 O meu coração só quer você
 E o que eu mais preciso para me completar
 [...]

Fonte: Letras.mus. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/gustavo-mioto/meu-coracao/>> Acesso em: 02 dez. 2023.

Nessa etapa, o docente deverá conduzir a análise da seguinte forma: primeiro, solicitar aos estudantes que apontem as locuções verbais constituídas com o auxílio do verbo *estar* nos diferentes textos apresentados, atentando também para a forma (plena ou reduzida) com a qual o verbo se apresenta. Segundo, orientar os alunos a observarem os aspectos que caracterizam a flexão do verbo, o tempo, o

modo e a pessoa do discurso, bem como as formas nominais expressas pelos verbos principais de cada locução constituída.

Nesse momento, o professor deve explicar que o chamado verbo principal é responsável pela ação central, e que o verbo auxiliar atua na construção de tal ação, pois sem ele a estrutura sintática ficaria sem sentido. Nessa combinação, o verbo *estar* tanto pode ocorrer em sua forma plena quanto em sua forma reduzida. Nesse momento, o professor poderá destacar que a variação de uma forma se constitui como uma possibilidade da língua e é decorrente das necessidades comunicativa dos falantes.

Para encerrar este módulo, o professor solicitará que, em trios, os estudantes capturem ocorrências de *estar* atuando como verbo auxiliar, em suas variadas formas, em textos digitais (*tweets*, *stickers* /figurinhas do *WhatsApp*), em letras de músicas ou em outros gêneros textuais que preferirem. Após a pesquisa, os resultados serão socializados com a turma e armazenados para a atividade final da Sequência Didática.

6.4.7.4 Módulo 4 (03 h/a)

Tema: Item *estar* com funções emergentes

Conteúdo: usos do item *estar* e de sua forma fonologicamente reduzida em funções pragmático-discursivas.

Objetivo geral:

Reconhecer o item *estar* atuando em funções não previstas pela tradição gramatical.

Objetivos específicos:

- Identificar que o item *estar* pode atuar como marcador discursivo e fazer parte da chamada construção cristalizada;

- Perceber que o marcador discursivo atua como elemento de interação entre os interlocutores, podendo gerar, no ato comunicativo, interrupções, reformulações ou pausas, por exemplo;
- Apreender os sentidos das construções cristalizadas;
- Refletir sobre formas e funções emergentes, no intuito de ampliar o que a tradição gramatical apresenta ao verbo *estar*.

Metodologia:

No quarto módulo, considerando que os estudantes já verificaram que o verbo *estar* é usado, em diferentes textos, com variação de forma (plena e reduzida) e de função (verbo principal, verbo de ligação e verbo auxiliar), o professor apresentará textos através dos quais os estudantes possam verificar que o item também pode assumir outras funções para além de verbo, isto é, o item poderá desempenhar as funções de *marcador discursivo* ou aliar-se a outros itens formando *expressões/construções cristalizadas*.

Para esse momento, o professor pode recorrer a gêneros como tiras e minicontos, como os que seguem:



Fonte: Tiras Armandinho. Disponível em <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/163269429314/tirinha-original>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

Miniconto

Carro blindado

Seu blindado voa até 220.
E ele acelera sempre na vida.
Empresários e gente de bem não deviam receber multas, pensa.
Mas os malditos faróis o obrigam a parar e falar com esse povinho.

Menino não importa o nome 1

- Tio, dá um trocado pra eu comprar comida? Não comi nada hoje.
Ele
- Garoto, já ouviu falar em meritocracia?

Menina não importa o nome 4

- Moço, tô com fome. Compra a balinha pra me ajudar?
Ele
- Melhor que dar o peixe é ensinar a pescar.

Flanelinha

- Aí, doutor. Na volta deixa cinquinho pra nós, tá?
Ele
- Vou deixar você na delegacia se não sumir da minha frente.

(...)

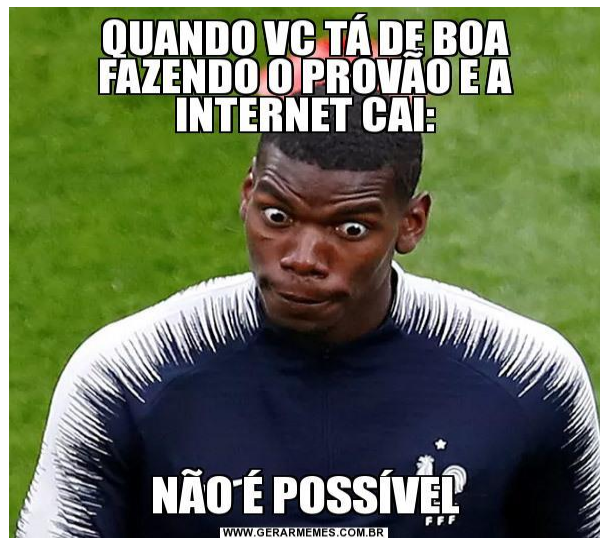
Fonte: Miniconto Blog. Disponível em: < <https://www.miniconto.blogspot.com> > Acesso em: 06 dez. 2022.

Os estudantes deverão perceber que, nos dois textos, o item *tá* não atua como verbo e que seus sentidos só podem ser captados se levar em consideração o contexto comunicativo. No primeiro, deverão reconhecer que o *tá* transmite uma ideia de afirmação e poderia ser substituído por outros termos, como sim, ok e/ou vamos contribuindo para estabelecer o diálogo entre os personagens da tira. No segundo texto, o *tá* é usado para promover uma entonação interrogativa e expressar a necessidade de o falante (o flanelinha) manter a comunicação com o ouvinte e obter uma aprovação acerca do que está propondo.

Após as percepções, o docente deverá apresentar algumas noções básicas acerca dos *marcadores discursivos*, itens que, nas situações de comunicação (escrita ou oral), são usados para estabelecer relações coesivas entre as partes do texto, manter a interação entre os interlocutores, podendo indicar interrupções, pausas, reformulações do discurso ou quebras a respeito do que está sendo dito pelos falantes. Deverá destacar que os marcadores discursivos fazem parte de uma categoria não reconhecida pelas gramáticas normativas e também pelos livros

didáticos. De modo geral, seus usos geram estigma social. Nessa ocasião, o professor dialogará com a turma a respeito do nível de (in)formalidade das situações comunicativas, ressaltando que nenhuma forma linguística pode ser desqualificada, afinal, atendem as necessidades comunicativas dos falantes.

Na segunda etapa do módulo, o professor analisará, juntamente com a turma, as situações na quais o *tá* se agrupa a outros itens e formam as chamadas expressões cristalizadas. Para isso, serão utilizados os textos que se seguem:



Fonte: Gerar Memes. Disponível em: <<https://www.gerarmemes.com.br/meme/1316293>>. Acesso em: 06 dez. 2022.



Fonte: *Pinterest*. Disponível em: <<https://www.pinterest.com.mx/pin/740560732451149131/>>. Acesso em: 06 dez. 2022.



Fonte: MeMe. Disponível em: <<https://me.me/i/e-semprebomlembrar-que-eu-nao-to-nem-ai-sempre-bom-10834286>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

Nesse momento, o professor deverá orientar os estudantes a captar os efeitos de sentido desempenhados pelas expressões “tá de boa”, “tá na moda” e “tô nem aí” nos três textos, respectivamente. Para isso, poderá solicitá-los que substituam a expressão por outro item linguístico visando perceber se será possível manter o sentido do contexto original. Espera-se que os estudantes compreendam que nessas expressões o *tá/tô* estabeleceu relações com outros itens linguísticos a fim de compor uma unidade com novo/s significado/s e que essas unidades são denominadas de *expressões cristalizadas*. Acreditamos que, após a sistematização, os estudantes perceberão o quanto estão em contato com esse tipo de expressão em suas manifestações linguísticas diárias orais e/ou escritas.

Após promover a reflexão com os estudantes acerca dos arranjos da expressão cristalizada, o docente os encaminhará para o laboratório de informática da escola e lhes solicitará que, em grupos, pesquisem exemplos de expressões cristalizadas envolvendo os itens *tá*, *tava* e *tô* em textos que circulam na internet. Tais textos podem contemplar *memes*, *gifs*, minicontos, entrevistas, comentários do *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*. Cada grupo deverá elaborar uma lista com dez ocorrências de expressões cristalizadas e os respectivos sentidos que assumem nos contextos comunicativos em que se encontram. Será relevante destacar que uma mesma expressão poderá assumir, em diferentes contextos, sentidos diversos.

Para fins de sistematização, o docente colocará, no quadro, as funções

assumidas pelo item *estar* a partir dos textos trabalhados e das pesquisas realizadas ao longo das aulas. Nesse momento, o docente convidará a turma para revisar a tabela elaborada na situação inicial, com o objetivo de que os estudantes revejam e/ou acrescentem informações a respeito das funções desempenhadas por *estar/tá* a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo dos módulos. Acreditamos que, ao realizar atividades como as que sugerimos nessa SD, ficará explícito para o estudante que, em práticas efetivas de uso da língua, um item poderá assumir funções para além daquelas que a gramática normativa prescreve, e que isso ocorre devido ao fato de ser a língua uma entidade dinâmica que varia e muda, uma vez que é movimentada pelo falante.

6.4.7.5 Módulo 5 (04 h/a)

Tema: Variabilidade funcional e mudança linguística

Conteúdo: variabilidade, mudança e heterogeneidade linguísticas.

Objetivo geral:

Apresentar a variabilidade funcional e a mudança linguística como propriedades inerentes às línguas.

Objetivos específicos:

- Reconhecer que a variabilidade funcional do item *estar* indica uma situação de mudança linguística;
- Entender que a mudança linguística é uma propriedade inerente das línguas.

Metodologia:

No último módulo, diante das análises e reflexões realizadas, espera-se que os estudantes já consigam sistematizar as seguintes aprendizagens: (i) o item *estar* pode variar quanto à *forma*; (ii) o uso de formas variadas demonstra as diversas

possibilidades de uso, afinal, uma forma não exclui a outra; (iii) nos contextos reais de usos (textos) analisados, o item também apresentou diferentes funções; (iv) as funções desempenhadas atendem aos objetivos dos falantes e são decorrentes das suas escolhas linguísticas; (v) a situação comunicativa pode motivar a escolha de uma determinada forma ou função; (vi) a língua é heterogênea e possibilita ao falante ajustar as formas e funções, evidenciando, assim, um tipo de mudança linguística.

Para esta etapa, o professor pode desenvolver as seguintes ações: nas duas primeiras aulas, o docente deverá dialogar com os estudantes a respeito do fato de que a *variação linguística*, diferentemente do que prescrevem os livros didáticos, não ocorre apenas no âmbito das especificidades do sotaque e do léxico, mas que ela se constitui como uma propriedade inerente ao sistema linguístico. No caso do item *estar/tá*, eles viram que pode variar quanto à forma e também quanto à função. Essas possibilidades evidenciam que um item como *estar* apresenta um comportamento variável, uma característica que pode ser notada em outros verbos e em outras palavras da língua portuguesa.

Outro aspecto que o docente deverá destacar, neste módulo, é o fato de a língua mudar, uma propriedade que ocorre em função das necessidades comunicativas dos falantes, ou pela própria dinâmica das tendências em curso. Para ressaltar essa propriedade, o professor pode explicar que a língua permite ao falante adaptar formas e funções, e que isso favorece a inovação do sistema linguístico. O item *estar* evidencia bem isso, pois, como foi visto, ele é usado em diferentes contextos com diferentes funções e sentidos. Essas possibilidades indicam que o item expande seus contextos de usos e que as funções se encontram em uma situação de competição, na qual valores concretos (verbo pleno/predicador) e abstratos (verbo de ligação, verbo auxiliar, marcador discursivo e expressão cristalizada) disputam espaço na língua. O professor deve ressaltar que essa disputa sinaliza uma mudança em curso na língua.

Conforme foi trabalhado na SD, o professor deve esclarecer que o verbo *estar* foi apresentado desde a sua função prototípica de verbo pleno/predicador, passando pelos usos em que seu valor semântico foi se esvaziando (verbo de ligação e verbo auxiliar), até as funções mais abstratas, as discursivas (marcador discursivo e expressão cristalizada), que não são previstas tradicionalmente nos manuais de ensino de língua. Explicar que, ao variar quanto à função, deixando de exercer o seu

valor mais concreto e assumindo funções mais abstratas, o item *estar* indica um caso de mudança linguística.

Após refletir sobre a trajetória do *estar/tá*, o docente poderá solicitar que os/as estudantes se organizem em grupos com cinco participantes. Nessa atividade será proposto o trabalho com a produção dos seguintes gêneros: miniconto, *meme*, figurinhas do *WhatsApp* (*stickers*) e tirinha. O docente poderá realizar um sorteio com o gênero que cada grupo ficará responsável. Após essa etapa, os/as estudantes serão desafiados a produzirem, pelo menos, três amostras, por grupo, que evidenciem as diversas possibilidades de usos do item estudado.

Nas duas aulas posteriores, o docente organizará uma roda de leitura e apresentação para que cada grupo possa expor as suas produções. Nessa etapa, cada grupo escolherá um integrante para apresentar a produção. O estudante poderá projetar os seus resultados no *Datashow* para que assim todos/as possam acompanhar a leitura e visualizar os usos do item *estar*, que pode ocorrer variando tanto na forma quanto na função.

Acreditamos que situações como as que sugerimos possam permitir aos estudantes a compreensão da dinamicidade do sistema linguístico, do seu funcionamento e, sobretudo, dos usos e das escolhas que eles, enquanto falantes, fazem nas práticas comunicativas.

6.4.8 Produção final (04 h/a)

Tema: *Estar, está, tá: a língua em movimento*

Durante os módulos, os estudantes realizaram diversas pesquisas que contemplaram a variedade de usos do item *estar* em diferentes gêneros textuais, especialmente naqueles veiculados nas redes sociais. Nesse sentido, como produção final, o docente solicitará que os estudantes se reúnam em grupos, de cinco integrantes, e produzam vídeos que sistematizem as aprendizagens em torno dos fenômenos de variação e mudança linguística e sobre a variabilidade funcional do item *estar*. Nessa ocasião, os estudantes utilizarão as amostras reunidas ao final de cada um dos módulos. Destacamos que os vídeos produzidos deverão conter imagem e áudios explicativos a respeito da temática trabalhada, pois serão divulgados nas redes sociais da escola (*Instagram* e *Facebook*).

Por serem familiarizados com diferentes mídias digitais e terem habilidades com elas, o esperado é que os alunos não apresentem dificuldades com a produção dos vídeos, afinal, constantemente, estão em contato com smartphones, notebooks e diferentes recursos que poderão subsidiar essa produção final. Todavia, ainda que já esteja definida a temática a ser abordada, será necessário apresentar aos estudantes as seguintes orientações: (i) assistir a vídeos na internet, por exemplo, vídeos com slides e narração, animações e vídeo aula; (ii) planejar o formato do vídeo que produzirão (*PowerPoint*, editores de vídeos²², aplicativos de edição); (iii) elaborar o roteiro contendo a mensagem a ser transmitida, o título do vídeo, as imagens (textos coletados) que serão utilizadas para demonstrar a variabilidade da forma e da função do item *estar*, a duração, o narrador, os efeitos que poderão ser utilizados etc.; (iv) produzir a montagem do material a ser exposto; (v) gravar o áudio que acompanhará toda a produção visual; (vi) e, por fim, editar o material, observando os detalhes e se todos os objetivos foram alcançados.

Após a produção dos vídeos, usando o projetor de imagens, cada grupo socializará a sua produção para a turma. Na sequência, os vídeos poderão ser postados nas redes sociais da escola e/ou nas contas pessoais dos estudantes com a finalidade de divulgar os resultados da pesquisa e a aprendizagem obtida.

6.4.9 Instrumentos pedagógicos a serem utilizados em toda a SD: material impresso, equipamento de projeção (televisão ou projetor multimídia), smartphones, computador, internet, quadro, pincel materiais didáticos dos estudantes.

6.4.10 Avaliação: o professor deverá reconhecer a participação dos estudantes no decorrer das tarefas propostas, levando-se em consideração as análises e reflexões desenvolvidas.

6.5 Encerrando a seção

Apresentamos, nesta seção, a nossa proposta de intervenção voltada para estudantes dos 8º anos do ensino fundamental. Reiteramos que a proposta aqui sugerida visa especialmente contribuir para a ampliação da competência

²² Os estudantes poderão utilizar editores como o *Shotcut*, *Filmora*, *YouTube Vídeo Editor* etc.

comunicativa dos discentes, aproximando-os da compreensão de que a língua é heterogênea e dinâmica. Defendemos que estratégias de ensino bem organizadas e planejadas poderão estabelecer as conexões necessárias entre as teorias linguísticas e as práticas de ensino de língua portuguesa e, conseqüentemente, promover reflexões em torno do funcionamento da língua em situações reais de comunicação. Enfatizamos, também, que outras ações podem ser acrescentadas à proposta, de modo a ampliar aquilo que o professor julgar necessário.

7 CONCLUSÕES

Com o intuito de investigar os valores funcionais exercidos pela forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, em uma amostra do português contemporâneo, realizamos a nossa pesquisa ancorada em pressupostos sociofuncionalistas. Para tanto, utilizamos um *corpus* composto por textos/comentários veiculados na rede social *Twitter*, procurando verificar se a forma reduzida do verbo *estar* desempenha, nesse *locus* de comunicação, as mesmas funções exercidas pela forma fonologicamente plena, e se, além disso, desempenha funções consideradas emergentes. Destacamos que é comum, em um estudo de cunho sociofuncionalista, o pesquisador adotar uma postura mais funcionalista ou mais variacionista. Em nossa pesquisa, adotamos uma postura mais funcionalista.

Os resultados obtidos apontaram que o item *tá* tem expandido os seus contextos de uso, visto que, no *corpus* analisado, identificamos o item cumprindo as funções de *verbo principal (pleno)*, *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*, além de funções pragmático-discursivas, como *expressão cristalizada* e *marcador discursivo*. Nesse sentido, confirmamos a hipótese de que os usos da forma fonologicamente reduzida *tá* indica variabilidade funcional.

No que concerne ao levantamento quantitativo das funções, ele serviu para demonstrar o impacto da frequência de uso, um importante fator usado nas pesquisas sociofuncionalistas. Verificamos que os usos que indicam maior abstração de sentido foram os mais frequentes, e que a função original, mais prototípica, a de verbo pleno (com carga semântica mais específica/concreta), foi a menos usada. Mesmo que a nossa amostra seja bastante singular em termos de ocorrências do objeto pesquisado, ela evidencia a variabilidade funcional da forma fonologicamente reduzida do verbo *estar*, um comportamento que a caracteriza como um elemento multifuncional, estando a serviço dos falantes em suas práticas comunicativas.

Com relação à nossa outra hipótese, os usos atestaram uma situação de mudança por gramaticalização, visto que, em um mesmo domínio funcional, as funções (variantes) competem entre si. A partir do princípio da *estratificação* afirmamos que as funções coexistem e interagem uma com as outras; contudo, há uma perda de espaço da função plena com relação às outras funções (gramaticalizadas), principalmente as intermediárias (verbo de ligação, auxiliar e expressão cristalizada), sendo que o uso recorrente desta última aponta para a

aplicação do princípio da *especialização*, evidenciado, no *corpus*, a partir do estreitamento da sua escolha. Com relação ao princípio da *divergência*, observamos que a forma *tá*, enquanto verbo, atende a três funções divergentes (plena, ligação e auxiliar), sendo que esses três usos apontam, também, para a aplicação do princípio da *persistência*, à medida que persistem alguns traços da forma-fonte nas formas gramaticalizadas. Por fim, a partir do princípio da *descategorização*, verificamos que, nas funções gramaticalizadas de marcador discursivo e expressão cristalizada, o item neutralizou propriedades morfológicas e sintáticas.

Por se tratar de um trabalho de natureza teórico-prática, elaboramos como proposta de intervenção uma Sequência Didática visando o desenvolvimento de um trabalho sistemático com o verbo *estar*, especialmente com a forma fonologicamente reduzida. Acreditamos que esse tipo de instrumento poderá possibilitar análises e reflexões acerca do funcionamento da língua, podendo ampliar o ensino de gramática e proporcionar ao estudante o reconhecimento da língua como sistema heterogêneo e dinâmico.

Por fim, destacamos que, com a proposta sugerida, não objetivamos oferecer um receituário capaz de solucionar as dificuldades que ainda permeiam o ensino de gramática nas séries finais do Ensino Fundamental, mas, sim, mostrar que é possível planejar atividades dinâmicas em que professor e aluno percebam a língua em suas múltiplas faces, reconheçam a gramática como um componente maleável, sujeita a variações e mudanças linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1, p. 21-47.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- ARAÚJO, E. V. F. de. Internet, hipertexto e gêneros digitais: novas possibilidades de interação. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, XV, 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n. 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 633-639. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/55.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1999].
- BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação discurso. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 1, p. 87-95, jan.-jun. 2018. Disponível em: <<https://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/156>>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COELHO, S. M. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, ESTAR e IR na língua portuguesa**. 2006. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/suelicoelho/Estudo%20diacr%C3%B4nico%20do%20processo%20de%20expans%C3%A3o%20gramatical%20e%20lexical%20dos%20itens%20TER,%20HAVER,%20SER,%20ESTAR%20e%20IR%20na%20L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.
- COELHO, I. M. et al. (Orgs.) **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 113-126.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1984].

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro. v. 12, p. 83-101, dez. de 2016, Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440/4032>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DIK, C. S. **Functional grammar**. Cinnaminson-USA: Foris, 1978.

DIK, C. S. **The theory of functional grammar**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 9, p. 5-45, 1987. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639037>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FREITAG, R. M. K. O uso de 'tá?' e 'certo?' na fala de Santa Catarina. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 25-41, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/4786>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-47.

FURTADO DA CUNHA, M. A. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. Rumos da linguística funcional. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 111-115.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. T. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal, RN: EDUFRN, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21375/3/Funcionalismo%20e%20ensino%20de%20gram%c3%a1tica%20%28livro%20digital%29.pdf>>. Acesso em:

12. out. 2021.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOMES, A. R.; SOUZA, S. O ensino de gramática e as articulações teórico-metodológicas da prática de análise linguística. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 50-68, ago/dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2017v18n2p50>>. Acesso em: 25 jan, 2023.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 75-97, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HEINE, B. KUTEVA, T. **The genesis of Grammar**: a reconstruction. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C; HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KANTHACK, G. S.; COSTA, M. A. L.. Tem lá... variabilidade ou mudança a caminho? **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista - BA, v. 19, n. 4, p. 231-250, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/8083>>. Acesso em: 6 jan. 2023.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Martelotta, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 127-140.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização** - 10. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELETO, R. M. Análise de Redes Sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARTELOTTA, M. Uso do marcador discursivo tá? **Revista Veredas**. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, jul./dez./ 1997. p. 89-106.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

MAY, G. H. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 69-79, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n2p69>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MEILLET, A. L'Evolution des formes grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

MENDES, R. B. **A gramaticalização de “estar” + gerúndio no português falado**. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós- graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=494164>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MENDES, R. B. **Estar + gerúndio e ter + particípio aspecto verbal e variação no português**. 2005. 179 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/296837540>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-14.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. H.

NEVES, M. H. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola, 2015.

NEVES, M. H. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2021.

PINHEIRO, F. P. **Tá mudando?** uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item *Estar* na fala de Vitória/ES. 2019.155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_12949_Vers%E3o%20Final%20-%20Frederico%20Pitanga%20Pinheiro.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PETRY, A. C.; SIMONETTO, E. de O. Uso do Twitter como Canal de Marketing: Uma Análise das Principais Empresas Brasileiras de Comércio Eletrônico. **Sistemas & Gestão**, Niterói-RJ, v. 8, n. 1, p. 94–104, 2013. Disponível em: <<https://www.revistasg.uff.br/sg/article/view/V8N1A9/V8N1A9>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017 [1958].

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Eds.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 249-270.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 149-177, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].